

Arley Andriolo
Adriana Marcondes Machado
Nelson Ernesto Coelho Junior
Marina Ferreira da Rosa Ribeiro
Mirian Debieux Rosa
Mariana Prioli Cordeiro
Danilo Silva Guimarães
Rogério Lerner
Fernando Meirinho Domene
Guilherme Souto Sanchez

(Organizadores)

II SEMINARIO DE CULTURA E EXTENSÃO DO IP/USP

1ª Edição

Psicologia / USP

São Paulo

2018

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

II SEMINARIO DE CULTURA E EXTENSÃO DO IP/USP

Universidade de São Paulo

Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Pro-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-Reitora Adjunta de Cultura e Extensão Universitária

Profa. Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch

Diretora do IPUSP

Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza

Vice-Diretor do IPUSP

Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúñez

Membros da Comissão de Cultura e Extensão Universitária do IPUSP

Prof. Dr. Arley Andriolo (Presidente)

Profa. Dra. Adriana Marcondes Machado (Vice-Presidente)

Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior

Profa. Dra. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Profa. Dra. Mariana Prioli Cordeiro

Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa

Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães

Prof. Dr. Rogério Lerner

Fernando Meirinho Domene

Guilherme Souto Sanchez

Secretárias

Maria Cecilia Rodrigues de Freitas

Flavia Rodrigues Pires Ribeiro

Direitos reservados: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Os textos aqui recolhidos expressam a opinião de seus autores, os quais assumem a responsabilidade sobre o conteúdo divulgado.

24 de Agosto de 2018

Autorizamos a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Seminário de Cultura (2. : 2018 : São Paulo, SP)

II Seminário de Cultura e Extensão do IP/USP / organizado por
Arley Adriolo et al., São Paulo, SP : Instituto de Psicologia/USP, 2018.

82 p.

ISBN: 978-85-86736-84-1

1. Cultura 2. Psicologia I. Seminário de Cultura e Extensão do IP/USP II. Título

GN357

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PROGRAMAÇÃO - II SEMINÁRIO DE CULTURA E EXTENSÃO DO IP/USP.....	10
TÍTULO DE RESUMOS E AUTORES	12
RESUMOS	21
A CLÍNICA DO VÍNCULO E A VULNERABILIDADE SOCIAL	22
A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO AUTOGESTIONÁRIO EM UM EMPREENDIMENTO DO PONTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E CULTURA DO BUTANTÃ	24
A ESCOLARIZAÇÃO DOS IMIGRANTES COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO DAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO	26
A EXTENSÃO NO ENSINO E NA PESQUISA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO CAMPO DA PSICOLOGIA ESCOLAR	28
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO DE CRÍTICA NA PESQUISA E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CAMPO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO	30
A FORMAÇÃO DE GRUPOS DE PROFISSIONAIS PELO PLANTÃO INSTITUCIONAL DO IPUSP: A ESCRITA COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO DE PENSAMENTO	32
A PSICOLOGIA DA ILUSÃO: GRUPO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA PERCEPÇÃO E DA ARTE MÁGICA (ILUSORIAMENTE / INTER PSI / IP / USP)	34
AÇÕES EDUCATIVAS PARA PREVENÇÃO À FEBRE AMARELA POR MEIO DA PROTEÇÃO AOS MACACOS	36
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL A CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE IMPEDIMENTOS E EXPEDIÇÕES	38
ATENDIMENTO DOMICILIAR AOS MORADORES DO CRUSP: UMA AÇÃO CLÍNICA	40
ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL AMPLIADO ESQUIZOANALISTA COM POPULAÇÃO LGBT EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NA REGIÃO SUL DE MATO GROSSO	42

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

ATIVIDADES DE CULTURA E EXTENSÃO DO INTER PSI – LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA ANOMALÍSTICA E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS	44
CONECTIVIDADE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA E A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: AVALIAÇÃO PRELIMINAR DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CRÍTICA	46
CONVERSANDO COM OS PAIS E EDUCADORES SOBRE FUTURO, ÉTICA E PREPARO PARA VIVER	48
CUIDADO AO ENFERMO, CUIDADO COM O EFÊMERO: O PLANTÃO PSICOLÓGICO NA POSSIBILIDADE DE ENCONTRO COM OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO HOSPITAL	50
ENCONTRO PARA BRINCAR: COMPARTILHAMENTO DE BRINCARDEIRAS E PRÁTICAS CULTURAIS NA CASA DE CULTURAS INDÍGENAS DA USP	52
ENCONTROS E VIVÊNCIAS NA CASA DE CULTURAS INDÍGENAS DA USP	54
ENTRELAÇAMENTOS DA PSICOLOGIA E DO DIREITO: O ESPAÇO DE PLANTÃO PSICOLÓGICO NO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO	56
ESTRATÉGIAS E EFEITOS DA ESCRITA NOS PERCURSOS FORMATIVOS DA GRADUAÇÃO NO IPUSP	58
EXPERIÊNCIAS POSSÍVEIS EM PSICOLOGIA ESCOLAR E PRÁTICAS INSTITUCIONAIS.....	60
EXTENSÃO COMO APOSTA: FORMAÇÃO NA PRÁTICA CLÍNICA EM UM SERVIÇO PÚBLICO DE UMA CLÍNICA ESCOLA	62
GRUPO DE ESTUDO EM PSICOLOGIA DA RELIGIÃO (GEPSIREL / INTER PSI / IP-USP)	63
GRUPOS REFLEXIVOS COM PRETENDENTES À ADOÇÃO: UMA ANÁLISE PRÉVIA DOS RESULTADOS OBTIDOS	65
MAPEAMENTO DE QUEIXAS E DEMANDA DE ESTUDANTES (2º E 3º GRAU) ATENDIDOS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO/LEFE-IPUSP	67
ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR: UM ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A CRIANÇAS E JOVENS EM DIFICULDADES NA ESCOLA EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA	69

OS LIMITES E FRONTEIRAS ENTRE O PLANTÃO PSICOLÓGICO E O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO	71
PORTAL E-OQE: INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO DE SABERES E MATERIAIS DA ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR/IPUSP	73
PROCESSO CARTOGRÁFICO DO CRUSP: CARTOGRAFIA ENQUANTO MÉTODO, CUIDADO ENQUANTO PRÁXIS	75
PROCESSOS DE FORMAÇÃO ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO BANDEIRA CIENTÍFICA	77
PROJETO DE FUTEBOL FEMININO NO BUTANTÃ: DESAFIOS E PRÁTICAS	79
VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO: ROMPENDO O SILENCIAMENTO NO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP	81

APRESENTAÇÃO

O II Seminário de Cultura e Extensão manteve ativos os propósitos que deram origem a essa série de eventos promovida pela Comissão de Cultura e Extensão do IP/USP. Os objetivos primeiros versavam sobre os sentidos dessas atividades em nossa unidade, sobretudo, em relação ao caráter público da Universidade de São Paulo e a atenção às questões sociais. Tratava-se de compreender duas demandas internas ao Instituto de Psicologia: conhecer as ações praticadas por nossos funcionários, alunos e docentes e discutir os significados dessas ações para o próprio Instituto de Psicologia e para as populações atendidas.

No Instituto de Psicologia, tais ações voltam-se a setores da sociedade cujas necessidades básicas e demandas estão intimamente articuladas às três esferas da Universidade|: na formação dos alunos, na produção do conhecimento e no atendimento às populações. Em todos esses âmbitos, a dimensão política das atividades de extensão e a compreensão da liberdade na cultura permeiam uma forma de produção compartilhada de saber, de tal modo que as pessoas e comunidades atendidas constituem-se como participantes ativos no desenvolvimento do conhecimento acadêmico. Nossa unidade prioriza o caráter público e gratuito dessas atividades como parte integrante da formação de nossos alunos e a articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão, envolvendo docentes, alunos e funcionários.

No I Seminário, a defesa da concepção de extensão universitária articulada com o caráter público da Universidade foi retomada com a conferência de Maria Helena Souza Patto que ressaltou momentos históricos, econômicos e políticos dessa Universidade em que diferentes direções foram afirmadas. Ao final do I Seminário, as palavras trazidas da luta dos Guaranis, afirmaram a força que está na cultura, na extensão, na caminhada, na flecha. Somos encarnados, temos culturas. E a pergunta que o I Seminário produziu foi: a psicologia se transforma no contato com outras culturas? Nossa formação gera transformações naquilo que somos?

O Professor Nelson Coelho Júnior, do Departamento de Psicologia Experimental, proferiu a conferência de abertura, apresentando-nos uma síntese de seus 21 anos de

dedicação à Comissão de Cultura e Extensão de IP/USP. Essa experiência acumulada, contando com um período na presidência da comissão, foi compartilhada em diferentes níveis de significação, desde o contato mais afetivo entre os membros até a densidade das contradições políticas que permeiam o Instituto de Psicologia. Por meio de uma narrativa coerente e sensível fez a história do IP/USP nos instigar a pensar a complexidade das relações que envolvem as ações em cultura e extensão e nos auxiliou na apreensão dos diversos sentidos e na síntese (sempre cautelar) de nossa identidade.

A participação discente deve ser mencionada com louvor, pois, além da participação ativa nos trabalhos de organização, neste ano contamos com uma mesa cujo conteúdo e composição foram elaborados com a ação dos alunos. Além disso, as atividades artístico culturais foram compostas por alunos do IP/USP e de outras unidades, na apresentação da Bateria Psico Histeria e na performance do coletivo SobreVivências.

Iniciamos o II Seminário reiterando o caráter público da extensão com o tema A EXTENSÃO NA FORMAÇÃO. Mantivemos o critério das inscrições abertas a todos os membros do IP/USP, alunos, funcionários e professores, sem o requisito da anuência de docentes. Ao final, tivemos 31 trabalhos -apresentados na forma de pôsteres sendo que, um deles, de pesquisadores da Universidade Federal do Mato Grosso do Campus Universitário de Rondonópolis. Cerca de 160 pessoas se inscreveram para assistir às apresentações e participar dos debates. (participaram 78)

Em síntese, apresentamos abaixo algumas considerações realizadas pelos grupos de conversa e levadas à plenária ao final do II Seminário de Cultura e Extensão do IP/USP:

- A EXTENSÃO INTERROGA A UNIVERSIDADE - Preocupados com as práticas da universidade que não fortalecem a dimensão pública da universidade, compreendemos a extensão universitária como o território de experiências que interrogam a universidade ao, como dito na mesa da manhã, produzir um curto-circuito que faz a universidade variar. Um sujeito interrogado é aquele que pode perder ser o que é, pode variar. O campo da extensão, ao produzir estranhamento, instiga que estudantes, funcionários técnicos e docentes desenvolvam novas ideias e novas formas de organização.

- **A SUPERVISÃO COMO POTENCIALIZADORA DO ESTRANHAMENTO DE SI E DO MUNDO** - O curto-circuito e estranhamento precisam de cuidado e conversa e, portanto, de ações que vão na contramão da lógica de avaliação produtivista. No seminário, ressaltou-se a importância das supervisões em pequenos grupos, realizadas pelas psicólogas dos serviços e laboratórios em que essa formação é realizada.
- **TEMPOS DE CONSTRIÇÃO** - As psicólogas, funcionárias técnicas da USP, tem sofrido pressões e constrictões com a implementação do relógio de ponto. Dessa forma, há um impedimento de sermos interrogados em nome do cumprimento de procedimentos que se tornaram burocratizados e inquestionáveis, dificultando a realização de atividades importantes que fogem do rígido horário do relógio de ponto, como visitas a instituições e supervisões que demandam horários mais flexíveis e orgânicos. Em relação aos estudantes, as condições de permanência têm sido preocupantes. Pressões, constrictões e preocupações que tendem a deixar a extensão e o acesso à cidade reduzidos a uma sala de aula.
- **O INSTITUTO DE PSICOLOGIA INSISTINDO NA PRESENÇA.** O Instituto de Psicologia é conhecido por suas ações extensionistas. Muitos estudantes, professores/as e funcionários/as organizam ações comuns com profissionais de outros equipamentos, participantes de movimentos sociais e de associações, crianças, jovens e adultos. Essa forma de fazer a extensão, marca na formação no IPUSP, requer presença, tempo, encontro, -conversa.

Agradecemos muitíssimo aos colegas funcionários, alunos e docentes que dispuseram de seu tempo e ideias, compartilhando propostas em pôsteres, apresentações e comentários. Ao apoio da direção do IP/USP, na presença da diretora Profa. Marilene Proença. Somos gratos ao trabalho secretárias da CCEEx, Maria Cecília Rodrigues de Freitas e Flavia Rodrigues Pires Ribeiro. Aos membros discentes Fernando Meirinho Domene Guilherme Souto Sanchez pela representação efetiva dos alunos. Agradecemos ao Conselho Gestor do Centro Escola do IP/USP, na figura de sua coordenadora, Professora Henriette Tognetti Penha Morato, pela oferta das salas para as rodas de conversa. Agradecemos, também, às pessoas de fora do Instituto de Psicologia da USP que participaram das palestras, debates e rodas de conversa. Por fim, expressamos nossa gratidão a todos aqueles que ajudaram a organizar e divulgar as atividades deste seminário.

PROGRAMAÇÃO - II SEMINARIO DE CULTURA E EXTENSÃO DO IP/USP

Dia 24.08.2018, Sexta-feira

8h30 – 9h. Recepção, Inscrições e Montagem dos Pôsteres

9h – 10h. Abertura

Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza – Diretora do Instituto de Psicologia /USP

Prof. Dr. Arley Andriolo – Presidente da CCEX-IP/USP

Profa. Dra. Adriana Marcondes Machado – Vice-Presidente da CCEX-IP/USP

10h00 – 11h00. Conferência: "Vinte um anos na Comissão de Cultura e Extensão do IPUSP (1997-2018): histórias e reflexões"

Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Júnior – Departamento de Psicologia Experimental, IP/USP

11h00 – 12h15. Roda de Conversa: A Extensão e a Formação dos Alunos do IP

DIÁLOGO a partir das experiências em projetos, atendimentos, supervisões de psicólogos, estágios e interlocução com comunidades externas

Tatiana Freitas Stockler das Neves,

João Vitor Lemos França

Melissa Gabrielle de Azevedo Marcasso

Rafaela Waddington Achatz

Mariana de Paula de Oliveira Ribeiro

Victória De Angelis

Denise Harumi Sakô

Danilo Silva Guimarães

Briseida Dogo de Resende

Ramiro Gonzalez

Mediadores: Fernando Domene e Guilherme Sanchez

12h15 – 12h45. Atividade artístico-cultural:

Bateria da Psico Histeria

12h45 – 14h00. Almoço

14h00 – 15h00. Apresentação dos Pôsteres

15h00 – 16h30. Grupos de conversa

DIÁLOGO sobre a função da cultura e extensão na formação e na inserção social da Universidade

16h30 – 17h30. Plenária: que cultura e extensão defendemos?

17h30. Encerramento: Atividade artístico-cultural

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

Grupo de teatro Coletivo SobreVivências

Local: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP)
Av. Prof. Mello Moraes, 1721, bloco G, térreo, Auditório Carolina Bori

TÍTULO DE RESUMOS E AUTORES

Título	Autores
A CLÍNICA DO VÍNCULO E A VULNERABILIDADE SOCIAL	Gustavo Gomes Calia - Estudante de graduação do IPUSP; Paula Moreira - Estudante de graduação do IPUSP; Carol Bueno - Estudante de graduação do IPUSP; Luiza de Freitas G. S. Martins - Estudante de graduação do IPUSP; Roberta Andrea de Oliveira – Pós Graduação Doutoranda PST/IPUSP Maria Inês Assumpção Fernandes - Prof . Titular PT -IPUSP
A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO AUTOGESTIONÁRIO EM UM EMPREENDIMENTO DO PONTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E CULTURA DO BUTANTÃ	Rogério de Mambro, graduando em Geografia pela FFLCH-USP Henrique Rocha do Nascimento, graduando em Geografia pela FFLCH-USP Paolo Marti Grasson Pereira de Souza Viola, graduado em Geografia pela FFLCH-USP
A ESCOLARIZAÇÃO DOS IMIGRANTES COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO DAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO	Ariéli Maciel Palacio Alvarez, doutoranda em Sciences de l'éducation pela Université Paris 8 (Vincennes- Saint Denis) e em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Clínica (IPUSP), Isadora Borges Mauro, integrante do Grupo Veredas – Psicanálise e Imigração, Joana Sampaio Primo, integrante do Grupo Veredas – Psicanálise e Imigração, Julia Campos Florez, integrante do Grupo Veredas – Psicanálise e Imigração, Ligia Rufine Nolasco, mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Clínica (IPUSP),
A EXTENSÃO NO ENSINO E NA PESQUISA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO CAMPO DA PSICOLOGIA ESCOLAR	Carolina Terruggi Martinez, mestranda em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia - USP

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO DE CRÍTICA NA PESQUISA E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CAMPO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO	Marilene Proença Rebello de Souza, Livre Docente, Instituto de Psicologia IPUSP Laura Marisa Carnielo Calejón, Profa. Dra. Universidade Cruzeiro do Sul. Ana María Tejada Mendoza, Doutoranda Programa Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, IPUSP. Lucy Duró Matos Andrade Silva, Mestranda Programa Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, IPUSP. Melissa Gabrielle Azevedo Marcasso, Graduanda Instituto de Psicologia, IPUSP. Renato Libarino Aguilar, Graduando Instituto de Psicologia, IPUSP.
A FORMAÇÃO DE GRUPOS DE PROFISSIONAIS PELO PLANTÃO INSTITUCIONAL DO IPUSP: A ESCRITA COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO DE PENSAMENTO	Adriana Marcondes Machado, Docente no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do IPUSP Ana Beatriz Coutinho, Psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP Beatriz Saks Hahne, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano do IPUSP Paula Fontana Fonseca, Psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP
A PSICOLOGIA DA ILUSÃO: GRUPO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA PERCEPÇÃO E DA ARTE MÁGICA (ILUSORIAMENTE / INTER PSI / IP / USP)	Dr. Leonardo Breno Martins, Instituto de Psicologia da USP Prof. Dr. Wellington Zangari, Instituto de Psicologia da USP Dra. Fatima Regina Machado, Instituto de Psicologia da USP

AÇÕES EDUCATIVAS PARA PREVENÇÃO À FEBRE AMARELA POR MEIO DA PROTEÇÃO AOS MACACOS	Briseida Dôgo de Resende, Departamento de Psicologia Experimental, IPUSP Gustavo Martineli Massola, Departamento de Psicologia Social, IPUSP Ione Ishii, FEUSP e E. E. Fernão Dias Paes Tatiane Valença, Departamento de Psicologia Experimental, IPUSP
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL A CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE IMPEDIMENTOS E EXPEDIÇÕES	João Vitor Lemos França, aluno de graduação do IPUSP Melissa Gabrielle de Azevedo Marcasso, aluna de graduação do IPUSP Rafaela Waddington Achatz, aluna de graduação do IPUSP
ATENDIMENTO DOMICILIAR AOS MORADORES DO CRUSP: UMA AÇÃO CLÍNICA	João Paulo Nascimento Janeiro, Graduando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Morgana Vaz Dantas, Graduando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Romy Sigrid Herrera Saenz, Graduanda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Cesar Dias Oliveira, Mestrando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Henriette Tognetti Penha Morato (Orientador), Professora Doutora pelo Instituto de Psicologia da USP.
ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL AMPLIADO ESQUIZOANALISTA COM POPULAÇÃO LGBT EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NA REGIÃO SUL DE MATO GROSSO	Márcio Alessandro Neman do Nascimento, UFMT - CUR Eloize Marianny Bonfim da Silva, UFMT - CUR Jefferson Adriã Reis, UFMT - CUR Lucas Fernandes Tavares, UFMT - CUR André Santos da Silva, UFMT- CUR
ATIVIDADES DE CULTURA E EXTENSÃO DO INTER PSI – LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA ANOMALÍSTICA E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS	Prof. Dr. Wellington Zangari, Coodenador do Inter Psi, docente do IPUSP. Dra. Fatima Regina Machado, Co-coordenadora do Inter Psi, IPUSP. Dr. Everton de Oliveira Maraldi, Diretor de Relações Internacionais do Inter Psi, pós-doutorando, IPUSP

CONECTIVIDADE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA E A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: AVALIAÇÃO PRELIMINAR DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CRÍTICA	José Fernando Andrade Costa, Aluno de doutorado do IPUSP
CONVERSANDO COM OS PAIS E EDUCADORES SOBRE FUTURO, ÉTICA E PREPARO PARA VIVER	Ivonise Fernandes da Motta, Professora Livre Docente do Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Veridiana da Silva Prado Vega, Mestranda pelo Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Cecília Célis Alvim Altobelli, Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Raquel Marques Benazzi Guirado, Mestranda pelo Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
CUIDADO AO ENFERMO, CUIDADO COM O EFÊMERO: O PLANTÃO PSICOLÓGICO NA POSSIBILIDADE DE ENCONTRO COM OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO HOSPITAL	João Vitor Lemos França, aluno de graduação do IPUSP, bolsista do Programa Unificado de Bolsas (PUB) 2017/2018 Taís Silva da Mata, aluna de graduação do IPUSP, bolsista do Programa Unificado de Bolsas (PUB) 2017/2018 Fernanda Nardoni, mestranda do PSA-IPUSP, supervisora do LEFE Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato, professora do PSA-IPUSP, coordenadora do LEFE

ENCONTRO PARA BRINCAR: COMPARTILHAMENTO DE BRINCARDEIRAS E PRÁTICAS CULTURAIS NA CASA DE CULTURAS INDÍGENAS DA USP	Briseida Dogo de Resende, Professora Doutora do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Danilo Silva Guimarães, Professor Doutor do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Paula G. Rasia Lira, Doutoranda em Psicologia Experimental - IPUSP. Christina Maria Moretti, Mestranda em Psicologia Experimental - IPUSP. Caroline de Andrade Brito, Graduanda em Psicologia e bolsista PUB -IPUSP Hannah Cordeiro, Graduanda em Psicologia e bolsista PUB – IPUSP.
ENCONTROS E VIVÊNCIAS NA CASA DE CULTURAS INDÍGENAS DA USP	Danilo Silva Guimarães, Professor Associado do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (orientador). João Pedro Barbosa, Graduando em Ciências Sociais (bolsista PUB – Extensão). Paula Fornaziero da Silva, Graduanda em Letras (bolsista PUB –Extensão). Rafaela Waddington Achatz, Graduanda em Psicologia.

ENTRELAÇAMENTOS DA PSICOLOGIA E DO DIREITO: O ESPAÇO DE PLANTÃO PSICOLÓGICO NO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO	Lucas Cardoso Fonseca, aluno de graduação, bolsista do Programa Unificado de Bolsas de Estudo, sob a vertente de Cultura e Extensão no projeto de Atenção Psicológica à Comunidade do Departamento Jurídico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP. André Prado Nunes, Doutor em Psicologia pelo IPUSP, supervisor. Joyce Cristina de Oliveira Rezende, aluna de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, supervisora. Henriette Tognetti Penha Morato, Professora coordenadora do LEFE, Doutora em Psicologia pelo IPUSP, orientadora. Arthur Gobatti Mota, aluno de graduação, colaborador. Henrique Passos Alvalá, aluno de graduação, colaborador. Roberta Lia de Moraes Campos, aluna de graduação, colaboradora.
ESTRATÉGIAS E EFEITOS DA ESCRITA NOS PERCURSOS FORMATIVOS DA GRADUAÇÃO NO IPUSP	Tomaz Volpi Guimarães Piestun, discente do Instituto de Psicologia da USP Adriana Marcondes Machado, professora do Instituto de Psicologia da USP Paula Fontana Fonseca, psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP
EXPERIÊNCIAS POSSÍVEIS EM PEPI	Bruna Sym, Gustavo Eiras Isabela Monteiro Julia Pedigone Lenka Seinerová Lucas Quintela Mariana Ribeiro Mariana Ros Stefani Marina Sumares Sung Hwan Ahn Victor Ibrahim Paula Fonseca
EXTENSÃO COMO APOSTA: FORMAÇÃO NA PRÁTICA CLÍNICA EM UM SERVIÇO PÚBLICO DE UMA CLÍNICA ESCOLA	Vinicius Carbone Duarte de Araújo, formado pelo IPUSP em 2017, João Pedro Padula, graduando do IPUSP, ingresso no ano de 2014

GRUPO DE ESTUDO EM PSICOLOGIA DA RELIGIÃO (GEPSIREL / INTER PSI / IP-USP)	Dra. Beatriz Ferrara Carunchio, Instituto de Psicologia da USP Dra. Camila Mendonça Torres, Instituto de Psicologia da USP Ms. Monica F. De Castro Huang, Instituto de Psicologia USP Prof. Dr. Wellington Zangari, Instituto de Psicologia da USP Dra. Fatima Regina Machado, Instituto de Psicologia da USP
GRUPOS REFLEXIVOS COM PRETENDENTES À ADOÇÃO: UMA ANÁLISE PRÉVIA DOS RESULTADOS OBTIDOS	João Vitor da Silva Nascimento, Graduando em Psicologia pela Universidade de São Paulo; Jones da Silva Gomes, Graduando em Psicologia pela Universidade de São Paulo; Isabel Cristina Gomes, Profa. Titular do IPUSP e coordenadora do LabCaFam.
MAPEAMENTO DE QUEIXAS E DEMANDA DE ESTUDANTES (2º E 3º GRAU) ATENDIDOS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO/LEFE-IPUSP	Patrick Amon Mirão Lima dos Santos, Bolsista PUB Thiago Schaffer Carvalho, Bolsista PUB Heloísa Antonelli Aun, Supervisora Henriette Tognetti Penha Morato, Orientadora
ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR: UM ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A CRIANÇAS E JOVENS EM DIFICULDADES NA ESCOLA EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA	Beatriz de Paula Souza, psicóloga do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar - LIEPPE/PSA/IPUSP Docente responsável: Profa. Dra. Marilene Proença R. de Souza, coordenadora do LIEPPE/PSA/IPUSP
OS LIMITES E FRONTEIRAS ENTRE O PLANTÃO PSICOLÓGICO E O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO	Fernanda Santos Diniz, aluna do Instituto de Psicologia da USP Lygia Arias Bagno, aluna do Instituto de Psicologia da USP Letícia Campos Padula, aluna do Instituto de Psicologia da USP Giovanna da Silva Bortoli, aluna do Instituto de Psicologia da USP

PORTAL INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO DE SABERES E MATERIAIS DA ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR/IPUSP	Ms. Beatriz de Paula Souza, psicóloga do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar -LIEPPE/PSA/IPUSP Ms. João Ricardo T. L. de Souza, psicólogo com formação em Orientação à Queixa Escolar Profa. Dra. Marilene Proença R. de Souza, Coordenadora do LIEPPE/PSA/IPUSP Prof. Dr. Almir Antonio Rosa (Almir Almas), Vice-Diretor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão e do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes – da USP, Coordenador Geral do Laboratório de Arte, Mídia e Tecnologias Digitais – LabArteMídia/ECA/USP
PROCESSO CARTOGRÁFICO DO CRUSP: CARTOGRAFIA ENQUANTO MÉTODO, CUIDADO ENQUANTO PRÁXIS	João Paulo Nascimento Janeiro, Graduando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Morgana Vaz Dantas, Graduanda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Romy Sigrid Herrera Saenz, Graduanda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Cesar Dias Oliveira, Mestrando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Henriette Tognetti Penha Morato (Orientador), Professora Doutora pelo Instituto de Psicologia da USP.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO BANDEIRA CIENTÍFICA	Adriana Marcondes Machado, docente do IPUSP Bruna Lanzoni Muñoz, aluna graduação IPUSP; Bruna Caroline Oliveira de Souza, aluna graduação IPUSP; Camila Satie Simoce Araújo, aluna graduação IPUSP; Carlos Henrique Barbosa Leite, aluno graduação IPUSP; Débora Song Shimba, aluna graduação IPUSP; Fernando Meirinho Domene, aluno graduação IPUSP; Gabriel Rodrigues Mardegan, aluno graduação IPUSP; Juliana Puglia Higa de Lima, aluna graduação IPUSP; Maria Agostinho Prado Sumares, aluna graduação IPUSP.
PROJETO DE FUTEBOL FEMININO NO BUTANTÃ: DESAFIOS E PRÁTICAS	Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco, EACH-USP Stéphanie C. Tabata, IP-USP
VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO: ROMPENDO O SILENCIAMENTO NO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP	Adriana Marcondes Machado, professora do Instituto de Psicologia da USP, dpto. PSA. Denise Harumi Sakô, graduanda do Instituto de Psicologia da USP. Mariana de Paula de Oliveira Ribeiro, graduanda do Instituto de Psicologia da USP. Victória De Angelis, graduanda do Instituto de Psicologia da USP

II SEMINARIO DE CULTURA E EXTENSÃO

RESUMOS

A CLÍNICA DO VÍNCULO E A VULNERABILIDADE SOCIAL

Gustavo Gomes Calia, Estudante de graduação do IPUSP;

Paula Moreira, Estudante de graduação do IPUSP;

Carol Bueno, Estudante de graduação do IPUSP;

Luiza de Freitas G. S. Martins, Estudante de graduação do IPUSP;

Roberta Andrea de Oliveira, Pós Graduação Doutoranda PST/IPUSP

Maria Inês Assumpção Fernandes, Prof . Titular PT -IPUSP

Como parte de uma disciplina teórico-prática a cargo do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho deste Instituto, e ministrada pela docente Maria Inês Assumpção Fernandes, formamos um grupo de 4 estagiários para desenvolver uma intervenção de escuta a pessoas em situação de rua num abrigo de assistência vinculado à Prefeitura, a partir do enquadre do dispositivo psicanalítico de grupos. Desde há algum tempo a docente mantém contato e intercâmbio com a gerência de um Núcleo de Acolhimento localizado na Barra Funda/SP. No início deste ano, essa instituição expressou interesse em receber estagiários para desenvolver atividades de acompanhamento e escuta com seus conviventes. Nosso problema de pesquisa foi nos debruçarmos sobre o modo como os diferentes grupos de pessoas em situação de rua que conhecemos no estágio expressaram seus vínculos de pertencimento. Neste sentido, nosso objetivo geral era conhecer e refletir sobre os vínculos, na verticalidade de suas trajetórias singulares e na horizontalidade de suas experiências compartilhadas, que poderiam se expressar na narrativa de suas identidades singulares e do modo como habitavam um grupo e se sentiam, ali e com os outros, partes dele. Apoiando-nos sobre as contribuições de Pierre Benghozi quanto à teoria dos vínculos, tomamos a noção de malhagem para abordar a complexa interação da precariedade e da pobreza com os processos de vinculação e subjetivação. Sob esses contextos, criamos a hipótese de que em tais processos poderiam se revelar buracos e rasgos, isto é, desmalhagens catastróficas, cujos efeitos se ligariam à produção de continentes psíquicos e a processos de vinculação igualmente enfraquecidos. Nossa intervenção compôs-se de cinco encontros realizados naquela instituição, dos quais o primeiro serviu para os estagiários se apresentarem à gerência do

Núcleo e se informarem de sua história e das características de funcionamento. Após isso, o trabalho consistiu em organizar grupos de conversa com pessoas interessadas, em salas reservadas. Cada encontro resultou na formação de um novo grupo, com integrantes sempre novos (à exceção dos estagiários). Após chegarem ao local, os estudantes dispersavam-se caminhando, atentos àqueles que poderiam se interessar pela experiência (principalmente quem não parecia engajado em algum jogo, conversa ou em assistir à TV). Ao se apresentarem como estudantes de psicologia os estagiários propunham a seus interlocutores uma tarefa, a de formar um grupo de compartilhamento e escuta de histórias de vida. Ao final, registramos as interações vividas em grupo e as analisamos em relação ao funcionamento contemporâneo do convívio comunitário. Neste, para além da má distribuição de riquezas, uma presumida legislação igualitária mascara a realidade de abandono das instituições sociais, estas que asseguram as metagarantias sociais e psíquicas, comportando as formações culturais e funcionando como apoio e enquadramento estruturante dos modos de subjetivação.

Palavras chave: Grupo; Instituição; Vínculo; Vulnerabilidade Social; Desmalhagem.

A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO AUTOGESTIONÁRIO EM UM EMPREENDIMENTO DO PONTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E CULTURA DO BUTANTÃ

Rogério de Mambro, graduando em Geografia pela FFLCH-USP

Henrique Rocha do Nascimento, graduando em Geografia pela FFLCH-USP

Paolo Marti Grasson Pereira de Souza Viola, graduado em Geografia pela FFLCH-USP

O projeto de extensão de Saúde Mental e Economia Solidária, que está em execução pela ITCP-USP sob orientação do Profº Bernardo Parodi Svartman, compreende o acompanhamento de empreendimentos econômicos solidários (EES) dentro do Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã (Ponto), vinculado ao CAPES Butantã. O Ponto é um espaço da Secretaria de Saúde da Prefeitura de São Paulo, e tem como diretriz a inclusão social pelo trabalho através do cooperativismo e da autogestão. O espaço abriga seis empreendimentos sob coordenação das funcionárias da prefeitura que gerem o espaço. Politicamente a forma de gestão dos empreendimentos se baseia nos princípios da autogestão, onde as decisões são tomadas coletivamente, em reuniões e assembleias. Dentre estes grupos, vem-se acompanhando a Comedoria Quiririm, empreendimento em que a ITCP-USP esteve presente cotidianamente desde 2017, buscando compreender as subjetividades das pessoas cooperadas, suas potencialidade e complexidades e a dificuldade do empreendimento em atingir a viabilidade econômica, ou seja, uma retirada mensal digna. A ITCP-USP então partiu do Estudo de Viabilidade Econômica (EVE) como um primeiro passo para compreender os dilemas da Comedoria. Na experiência de cozinhar juntos e conversar, a primeira constatação foi de que havia problemas de baixa procura e alto custo. Além disso, nas reuniões da Comedoria foi constatado a dificuldade das cooperadas de tomarem decisões diante das problemáticas de baixa retirada, sobrecarga de algumas cooperadas por conta da dificuldade de apropriação das funções da cooperativa, como as compras, o fechamento de caixa, a divulgação, entre outras funções. A maioria das pessoas cooperadas tem claramente um histórico muito forte de exclusão do mundo do trabalho. Suas experiências anteriores vão desde a dificuldade de

passar em uma entrevista de emprego até a humilhação causada pela indiferença decorrente da condição de empregadas domésticas. A experiência de trabalho anterior destas pessoas nunca as havia proporcionado uma chance de realizar a gestão de um empreendimento, já que a ordem sempre vinha da pessoa ‘superior’ - da patroa ou do chefe. Devido a este histórico, a noção de trabalho alienado está muito presente no imaginário das cooperadas, e o sentido de autogestão se torna de difícil compreensão entre elas, e os princípios do cooperativismo, que vêm da proposta do Ponto, são carregados de dilemas de complexa resolução. Tendo isto em vista a ITCP-USP vem auxiliado num primeiro momento na gestão do empreendimento, realizando estudos de viabilidade econômica, divulgação, logística de compras e fechamento de caixa, por um entendimento de que demanda financeira das cooperadas é imediata. Além disso, tem-se estimulado a formação de frentes de atuação no grupo de acordo com habilidades identificadas para a construção de um caminho para a maior autonomia do grupo. A educação popular tem orientado esta ação rumo a um processo autogestionário.

Palavras-Chave: Cooperativismo; Saúde Mental; Autogestão; Exclusão Social; Educação Popular.

A ESCOLARIZAÇÃO DOS IMIGRANTES COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO DAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO

Autoras: Ariéli Maciel Palacio Alvarez, doutoranda em Sciences de l'éducation pela Université Paris 8 (Vincennes- Saint Denis) e em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Clínica (IPUSP), Isadora Borges Mauro, integrante do Grupo Veredas – Psicanálise e Imigração, Joana Sampaio Primo, integrante do Grupo Veredas – Psicanálise e Imigração, Julia Campos Florez, integrante do Grupo Veredas – Psicanálise e Imigração, Ligia Rufine Nolasco, mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Clínica (IPUSP),

Introdução: De acordo com dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de São Paulo se caracteriza como a metrópole que mais recebe fluxos de imigrantes na atualidade. Em Julho de 2016, o Município contava com uma população total estimada em 12.038.175 habitantes, destes, 385.120 imigrantes registrados, o que equivale a 3,2% do total da população da metrópole. Hoje, a maioria de tais contingentes é composta por mulheres acompanhadas de seus filhos, crianças ou adolescentes. Enquanto especialistas da área da Saúde e Educação, pensamos a escola como um contexto privilegiado para a promoção da acolhida e participação de crianças imigrantes, descendentes de imigrantes e suas famílias, à sociedade brasileira.

Problemática: Entretanto, a inserção e integração de estrangeiros ao sistema escolar brasileiro têm encontrado muitos entraves em sua efetivação. Dentre os principais desafios encontrados no que concerne à escolarização das crianças imigrantes, são mencionados: 1.) aprendizado da língua portuguesa (na cidade de São Paulo, cerca de 78% das crianças imigrantes têm o espanhol como língua materna), 2.) diferenças culturais e 3.) discriminações decorrentes de tais diferenças. A dificuldade dos educadores se dá, principalmente, em função da falta de respaldo teórico-técnico para lidar com questões decorrentes das diferenças étnico-culturais também tem sido enfatizado em pesquisas e levantamentos realizados nas instituições, bem como uma alegada dificuldade de interlocução dos professores com as famílias de crianças imigrantes. Muito possivelmente como consequência de tais dificuldades contempladas no contexto escolar, a área da Saúde, e mais especificamente, os setores de Psicologia e Psiquiatria, tem recebido uma demanda crescente de pedidos para avaliação de crianças imigrantes ou descendentes de imigrantes sob suspeita de apresentação de quadros psicopatológicos, tendo prevalência a hipótese diagnóstica de autismo. Ao longo do segundo semestre de 2017, nós do Grupo Veredas: Psicanálise e Imigração temos

acompanhado crianças imigrantes dentro e fora das instituições educacionais, deste acompanhamento prévio percebemos a necessidade de construir uma nova intervenção. **Objetivo:** A patologização da infância é tema de maior atenção para a Psicanálise, sobretudo em se considerando as demandas de padronização e normatização das condutas das crianças na atualidade, com base em um ideal hegemônico (e utópico) de desempenho escolar. As crianças imigrantes trazem a tona esta questão, ao denunciar a impossibilidade de generalização das condutas no que concerne à educação infantil e com ela, a constante necessidade de revisão, reelaboração implementação de novas práticas destinadas a todas as crianças que se encontram inseridas no contexto escolar brasileiro. **Metodologia:** Em parceria com o CRAI (Centro de Referência e Apoio para Imigrantes) e com suporte da Diretoria Regional de Ensino da Zona Norte da cidade de São Paulo, o Grupo Veredas: Imigração e Psicanálise, desenvolvido no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e integrado à proposta ético-política do Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL) buscará atuar diretamente em EMEI's (Escolas Municipais de Educação Infantil) e EMEF's (Escolas Municipais de Ensino Fundamental) da cidade de São Paulo que estão demandando suporte no que concerne à escolarização de crianças imigrantes. A partir da escuta, orientada pela Psicanálise, das demandas específicas de cada instituição, serão delineadas propostas interventivas em conjunto com educadores, professores, familiares e crianças imigrantes. As ações deverão ocorrer com periodicidade mensal, ao longo de todo o ano letivo.

Palavras-chave: imigração e escolarização; psicanálise e imigração; educação e psicanálise

A EXTENSÃO NO ENSINO E NA PESQUISA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO CAMPO DA PSICOLOGIA ESCOLAR

Carolina Terruggi Martinez, mestranda em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia - USP

O presente trabalho surge a partir de uma trajetória individual que dialoga com o tripé da universidade pública: ensino-pesquisa-extensão, tratando a indissociabilidade desses três elementos como fundamento metodológico do ensino superior. Foi através de duas experiências de extensão vivenciadas durante a graduação, na Unesp – Bauru, que questões puderam ser formuladas e que o ensino daquele momento pôde ganhar sentido. Estas experiências foram em dois modelos de extensão bastante distintos. Um, no qual permaneci por três anos, participando de um projeto que envolvia a totalidade das escolas municipais de Bauru que trabalha acompanhando os grêmios estudantis destas escolas, o outro, uma experiência de imersão na realidade de um município de pequeno porte no Mato Grosso como parte de uma operação do Projeto Rondon. Foram estas experiências que produziram sentido no fazer da psicologia que estava sendo ensinado em sala de aula ao mostrarem uma psicologia e um ensino que extrapola os muros da universidade. A primeira relação estava já estabelecida, então: a indissociabilidade entre o ensino e a extensão. O contato com a realidade da educação pública nestes dois momentos e lugares puderam produzir conhecimento da psicologia e da realidade brasileira que se tornaram essenciais para pensar, posteriormente, uma pesquisa na escola pública. Surgiu, então, o interesse em colocar-me no mundo nesta posição dividida de estudante/pesquisadora por meio de um mestrado. Carregando os aprendizados destas experiências, a opção por pesquisar a escola pública brasileira a partir de uma universidade pública foi intencional e política. Assim, delimitou-se o objetivo de discutir, numa pesquisa-participante, o amplo quadro de concepções de educação democrática que sustentam práticas desta nomeação, além de acompanhar a transição de uma escola pública municipal de São Paulo para um Projeto Político Pedagógico crítico e democrático, compreendendo os caminhos que têm possibilitado essa iniciativa e mapeando os efeitos que têm produzido nas relações ali construídas. O procedimento da pesquisa será: levantamento de bibliografia

e discussão de algumas concepções de educação democrática e inserção na realidade da escola nos momentos de PEA (Programas Especiais de Ação) dos docentes e de atividades coletivas dos estudantes, como os momentos de tutoria e de pesquisa (momentos do novo Projeto Político Pedagógico da escola). A pesquisa encontra-se em fase inicial e os resultados ainda não podem ser apontados. Espera-se com esta pesquisa que seja possível a construção partilhada do saber e a articulação, mais uma vez, da extensão com a produção do conhecimento.

Palavras-chave: ensino superior; pesquisa-participante; extensão universitária; psicologia escolar.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO DE CRÍTICA NA PESQUISA E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CAMPO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO

Marilene Proença Rebello de Souza, Livre Docente, Instituto de Psicologia IPUSP

Laura Marisa Carnielo Calejón, Profa. Dra. Universidade Cruzeiro do Sul.

Ana María Tejada Mendoza, Doutoranda Programa Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, IPUSP.

Lucy Duró Matos Andrade Silva, Mestranda Programa Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, IPUSP.

Melissa Gabrielle Azevedo Marcasso, Graduanda Instituto de Psicologia, IPUSP.

Renato Libarino Aguilar, Graduando Instituto de Psicologia, IPUSP.

Vinculada a uma pesquisa sobre políticas públicas e prática docente em três países da América Latina (Brasil, Cuba e México), a presente experiência de extensão surge como estratégia metodológica de investigação sobre formas em que a política educacional para as séries iniciais e as concepções sobre desenvolvimento e aprendizagem nelas presentes, se materializam no interior da escola, especificamente, nas ações implementadas pelos professores na sua prática de ensino. Partindo do reconhecimento de que professores possuem um saber acumulado e crítico sobre sua prática e de que estão diretamente em contato com o campo das políticas educacionais, realizamos uma aposta metodológica que contemplasse tanto atividades de pesquisa quanto atividades de formação, privilegiando a horizontalidade no processo de análise e de construção de conhecimento, na contramão de uma verticalidade que tende, geralmente, a “retirar dados” de um campo. Deste modo, o grupo de trabalho se constituiu em atividade de extensão universitária. Esta iniciativa em suas duas versões (abril e novembro de 2015 e março 2017 a fevereiro de 2018) como atividade de extensão universitária, foi desenvolvida como parte das ações do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar do IP/USP – LIEPPE. Composto por educadores, gestores da rede municipal de ensino e psicólogos, pesquisadores e alunos em formação, foram debatidos a cada encontro, assuntos referentes à política pública em vigor para o município de São Paulo

possibilitando um conjunto importante de reflexões para a pesquisa e ações formativas aos participantes. Em fevereiro de 2018 finalizamos a segunda versão de esta experiência que contou com a participação de 23 educadores com formações e experiências educacionais diversificadas, representantes das 13 Diretorias Regionais de Educação do Município de São Paulo. O registro e transcrição de cada encontro realizado no Grupo de Trabalho tem sido fonte para a construção de materiais na forma de texto, produção técnica e/ou formativa, produzido muitas das vezes, em conjunto pelos participantes do Grupo de Trabalho enquanto tarefa de sistematização das discussões realizadas e do desenvolvimento do aprendizado coletivo. Como resultados deste trabalho destacamos a possibilidade de aproximarmos conjuntamente com os professores da presença de conceitos e teorias psicológicas nos documentos oficiais, tentando situá-los e analisá-los sob uma perspectiva que incluiu a dimensão histórica e social nos processos de construção de modelos de compreensão da subjetividade humana. De outro lado, reafirmamos a importância de articular e estreitar a relação escola-universidade em torno de atividades colaborativas, de análise/reflexão e produção de conhecimento. Por último, destacamos que os participantes avaliaram o programa de extensão como um importante espaço de reflexão sobre sua própria prática, ao tempo que o consideraram um elemento de resistência em momentos em que eles assinalam ter cada vez menos condições e possibilidades para refletir criticamente sobre os processos educacionais e as políticas públicas que os atravessam.

Palavras-chave: Extensão Universitária; pesquisa qualitativa; políticas educacionais; Psicologia Escolar; Formação de Professores.

A FORMAÇÃO DE GRUPOS DE PROFISSIONAIS PELO PLANTÃO INSTITUCIONAL DO IPUSP: A ESCRITA COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO DE PENSAMENTO

Adriana Marcondes Machado, Docente no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do IPUSP

Ana Beatriz Coutinho, Psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP

Beatriz Saks Hahne, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano do IPUSP

Paula Fontana Fonseca, Psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP

Este trabalho pretende analisar o dispositivo de escrita na formação de profissionais na modalidade de atendimento denominada Plantão Institucional realizada pelo Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP. No Plantão Institucional tomam-se as narrativas dos profissionais e o compartilhamento de experiências e de saberes para pensar o cuidado de si, as relações tecidas no âmbito do trabalho e os modos de habitar o mundo. Vimos com estes grupos investigando a escrita de cartas como dispositivo para a problematização da atuação profissional e para a construção de modos de olhar que estejam implicados na análise do próprio fazer e na responsabilidade singular frente àquilo que apontam como problemático. Utilizaremos o material da estratégia de escrita e as reflexões produzidas por um dos grupos de profissionais que trabalham em Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICAS). Esses profissionais descrevem o sofrimento e a percepção de certa paralisia na relação com o público atendido e, também, com seus pares, permeada pela sensação de que não há nada que possa ser inventado nas relações de trabalho. Esse cenário aponta para o desafio do desenvolvimento de uma estratégia de formação dos profissionais na qual as experiências de trabalho possam ser tomadas como motor para o pensamento, permitindo a construção de sentido para aquilo que se faz. Busca-se uma formação que provoque reflexões que se pautem no cotidiano de trabalho com o objetivo de acessar forças para nele agir. O exercício da escrita é utilizado como estratégia de transformação de si e das experiências de trabalho. A metodologia da pesquisa-intervenção é assumida como orientadora: aquilo que se propõe ao grupo acompanhado – escrita de cartas, leitura e discussão coletiva das situações-

problema – é avaliado e repensado a partir dos efeitos percebidos; ou seja, os efeitos produzidos no grupo são, também, tomados a todo tempo como analisadores da estratégia de intervenção.

Palavras-chaves: formação profissional; escrita; narrativa; experiência, pesquisa-intervenção

**A PSICOLOGIA DA ILUSÃO: GRUPO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
DA PERCEPÇÃO E DA ARTE MÁGICA (ILUSORIAMENTE / INTER PSI / IP /
USP)**

Dr. Leonardo Breno Martins, Instituto de Psicologia da USP

Prof. Dr. Wellington Zangari, Instituto de Psicologia da USP

Dra. Fatima Regina Machado, Instituto de Psicologia da USP

Os mágicos (i.e., ilusionistas) demonstraram, ao longo da história, ter desenvolvido gradualmente um conhecimento psicológico “intuitivo”, baseado na tentativa e erro, sobre processos básicos como percepção, atenção e memória. Tal desenvolvimento permitiu que os artistas mágicos obtivessem, com cumulativo sucesso, os efeitos de ilusão, maravilhamento e senso de impossibilidade em suas plateias. Uma vertente desse desenvolvimento foi direcionada à realização de efeitos que pareciam sobrenaturais, potencializando ainda mais o interesse do grande público. Por essas razões, ainda no século XIX, diversos expoentes da nascente psicologia se interessaram em estudar a arte mágica, como Alfred Binet. Embora tal intento tenha sofrido relativo enfraquecimento ao longo do século XX, as últimas décadas assistiram à emergência de renovado interesse da psicologia pela arte mágica, com um número crescente de pesquisadores e centros de pesquisa florescendo em diversas universidades do mundo. Insere-se nesse movimento o IlusoriaMente (Grupo de Estudos Interdisciplinares da Percepção e da Arte Mágica), uma das atividades de extensão do Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais, que opera no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Dadas as contribuições da antropologia, da neurociência, da própria arte mágica e de outras áreas para a compreensão dos processos envolvidos na arte mágica, o IlusoriaMente se vale de uma perspectiva interdisciplinar. Assim, entre seus 11 membros atuais estão psicólogos e artistas mágicos, com a perspectiva de adesão futura de profissionais de outras especialidades. O grupo teve início em 2016, com reuniões quinzenais destinadas ao estudo tanto teórico quanto prático das interfaces entre psicologia e arte mágica. A metodologia de estudo contempla a leitura e a discussão de materiais de referência (i.e., artigos científicos, livros, vídeos e materiais avulsos) e a prática de efeitos mágicos (i.e., “truques de mágica”), aliada à respectiva discussão, com enfoque nos processos psicológicos, biológicos e sociais subjacentes. O IlusoriaMente

passa também a sustentar, a partir do segundo semestre de 2018, o curso de extensão “Psicologia Social e Arte Mágica: Atitudes, Processos Básicos e Influência Social”. Em outubro de 2018, haverá a realização do II Seminário Avançado do Inter Psi, com o tema “Psicologia e Arte Mágica”. Assim, pretende-se reforçar junto à comunidade acadêmica e interessados, em diversas frentes de trabalho, tanto o resgate histórico da relação entre psicologia e arte mágica quanto apresentar e discutir os achados mais recentes do campo.

Palavras-chave: processos básicos, história da psicologia, arte mágica

AÇÕES EDUCATIVAS PARA PREVENÇÃO À FEBRE AMARELA POR MEIO DA PROTEÇÃO AOS MACACOS

Briseida Dôgo de Resende, Departamento de Psicologia Experimental, IPUSP

Gustavo Martineli Massola, Departamento de Psicologia Social, IPUSP

Ione Ishii, FEUSP e E. E. Fernão Dias Paes

Tatiane Valença, Departamento de Psicologia Experimental, IPUSP

O Laboratório de Etologia Cognitiva (LEC) tem realizado pesquisas sobre interações entre humanos e outros animais no Parque Ecológico do Tietê (PET). Com o recente surto de febre amarela no estado de São Paulo e as agressões aos primatas devido a um desconhecimento da doença, surgiu a necessidade de se abordar esse tema para além do eixo de pesquisa da universidade. Desse modo, em colaboração com o Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção (LPSI) e a com a E. E. Fernão Dias Paes, estamos desenvolvendo este projeto de extensão no PET e em outras regiões da cidade, cujo objetivo é promover a conservação dos primatas e a saúde pública da população no que se refere à febre amarela. Para atingir este objetivo, estamos construindo um conjunto de ações educativas, informando a população sobre o ciclo e prevenção da doença, disseminando conhecimento acerca dos primatas brasileiros, e enfocando a importância dos macacos no monitoramento da circulação do vírus para o combate da febre amarela. Já foi realizada uma oficina de observação de primatas com interessados no parque, bem como dois encontros de capacitação sobre a febre amarela (um no PET e um no IP-USP). Os encontros contaram com a participação de professoras e estudantes da rede pública de ensino, e também com idosos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI-EACH/USP), onde foram discutidas possíveis formas de atingir as comunidades e suas demandas nesse contexto. Os idosos participantes se apropriaram das informações e ensaiaram uma peça sobre o tema do projeto, que já foi apresentada na EACH/USP e que será apresentada em diversos locais nos próximos meses. Alguns dos alunos participantes fazem parte do Programa de Iniciação Científica Júnior junto ao laboratório, e estão preparando atividades na E. E. Fernão Dias Paes. Realizamos também uma intervenção educativa sobre o papel de sentinela dos primatas não-humanos em uma atividade de extensão realizada na Casa de Culturas Indígenas do IPUSP, que contou com a participação de crianças indígenas e não-indígenas. Entre outras ações previstas estão:

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

palestras sobre primatas, diálogo com a comunidade e distribuição de panfletos informativos, oficinas lúdicas com saída para observação de primatas, apoio na ampliação das atividades já desenvolvidas nas escolas ao redor do PET, desenvolvimento de novas atividades a serem aplicadas nas escolas, outro encontro de capacitação e outra oficina de observação de primatas. Pretendemos com essas ações prevenir a morte de macacos por pessoas desinformadas e estimular interações saudáveis entre pessoas e macacos, de modo a construir uma relação positiva com eles. Essas ações também pretendem estabelecer um vínculo entre o parque, a academia e a sociedade, divulgando ciência em diálogo com as necessidades da comunidade.

Palavras-chave: febre amarela; primatas; conservação; saúde pública.

ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL A CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE IMPEDIMENTOS E EXPEDIÇÕES

João Vitor Lemos França, aluno de graduação do IPUSP

Melissa Gabrielle de Azevedo Marcasso, aluna de graduação do IPUSP

Rafaela Waddington Achatz, aluna de graduação do IPUSP

Este trabalho apresentará situações vividas na Casa das Expedições, intervenções realizadas a partir do lugar dos estagiários e as reflexões produzidas ao longo do estágio. Articulamos tais reflexões às noções de cuidado e controle no acolhimento institucional de crianças e adolescentes. A Casa das Expedições faz parte dos Serviços de Acolhimento Institucional a Crianças e Adolescentes (Saica): moradias para crianças e adolescentes cujas famílias estão temporariamente sem condições de realizar sua função de cuidado e proteção, violando os direitos da criança ou adolescente. O Acolhimento Institucional é uma medida excepcional e provisória, aplicada quando esgotadas as possibilidades de manter a criança próxima à família de origem. O estágio na instituição é uma parceria contida no projeto de PPP, disciplina de graduação oferecida pelo Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP, sob supervisão de Ana Beatriz C. Lerner e responsabilidade da Profa. Adriana M. Machado. No 1º semestre de 2018, os alunos foram semanalmente à Casa, realizando atividades com os jovens acolhidos, participando de reuniões dos educadores e observando as dinâmicas da instituição. Seu percurso na Casa foi sendo trilhado sem muitas definições, revelando-se no momento-a-momento partilhado com acolhidos e funcionários, transformando-se com os movimentos, conflitos e vínculos presentes na Casa. E se, nessa aparente indefinição, o estudante de psicologia sente dificuldade de autorizar-se a agir, é também nela que descobre a potência do contato com o desamparo - parte inextinguível do trabalho do psicólogo no terreno social. Tal experiência permitiu a reflexão sobre as barreiras da fala na situação do acolhimento institucional, que receptividade há para as tentativas, por vezes vacilantes, dos jovens acolhidos de transformar em narrativa o seu passado e as feridas que nele existem. Soma-se aí, também, alguma tentativa de se projetar esperanças num futuro, por mais que as vulnerabilidades

do presente já o comprimam. É dolorido falar - bem como é dolorido ter uma esperança duramente frustrada. Fica a questão: é possível cuidar sem se esquivar de uma nova visita à dor silenciada? De que modo a psicologia pode comparecer nessa instituição, onde a fala tem, hoje, a condição de algo que vive fugindo? O caráter esporádico e de curta duração das idas dos estagiários ao Saica gerou entraves na aproximação com os adolescentes, marcada por hiatos. Por outro lado, esse lugar de terceiro, ingênuo em relação a diversos saberes institucionais, permitiu um olhar diferente, indagador, sobre os modos que o Saica encontra para operar sua política de cuidado. Observou-se que a equipe operacional tem um papel educativo e terapêutico tão importante quanto os educadores e psicólogos, porém não participa das discussões sobre como cuidar dos jovens. Ressaltamos os efeitos de formação para os estudantes de psicologia produzidos a partir do trabalho de extensão em instituições educativas. A extensão universitária é um dos pilares de uma Universidade Pública e fortalece a troca de conhecimentos e práticas entre a sociedade e a universidade, extremamente potente e necessária.

Palavras-chave: SAICA; Psicologia Escolar; Casa das Expedições; Acolhimento Institucional

ATENDIMENTO DOMICILIAR AOS MORADORES DO CRUSP: UMA AÇÃO CLÍNICA

João Paulo Nascimento Janeiro, Graduando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Morgana Vaz Dantas, Graduando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Romy Sigrid Herrera Saenz, Graduanda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Cesar Dias Oliveira, Mestrando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Henriette Tognetti Penha Morato (Orientador), Professora Doutora pelo Instituto de Psicologia da USP.

O Projeto de Atendimento Domiciliar começa a tomar corpo em meados de 2016, durante a ocupação dos blocos administrativos da Superintendência de Assistência Social (SAS) da Universidade de São Paulo. Na época, as moradoras do Conjunto Residencial da USP (CRUSP) se organizaram com o objetivo de exigir a expulsão de alunos que praticavam violência física e/ou sexual contra as alunas e funcionárias, motivadas por um caso recente de violência doméstica na moradia. Através da cartografia clínica, método de pesquisa utilizado pelos estagiários, a equipe entrou em contato com esse grupo de mulheres. Propondo-se tanto ouvir sobre a experiência de ser mulher e habitante do CRUSP, quanto em estar junto às alunas em um momento de grande sofrimento. Durante o trabalho na ocupação, um grupo de mulheres chamou a atenção dos estagiários, composto pelas mães moradoras do CRUSP. Em busca de compreender as demandas por cuidado desse grupo, e pensar possíveis propostas de intervenção, realizamos entrevistas reflexivas com as moradoras, que culminaram no desenvolvimento do Projeto de Atendimento Domiciliar. Durante as entrevistas, surgiu um grande sofrimento dessas mulheres, que experienciaram a maternidade sozinhas em um período de fechamento da creche da USP. Muitas deixaram de ocupar as salas de aula em prol do cuidado dos filhos, comprometendo seu desempenho estudantil e arriscando a regularidade de suas vagas na

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

moradia, visto que há exigência de um número de créditos-aula para permanecer no apartamento. Surgiram relatos de conflitos com vizinhos, por ocuparem ilegalmente mais de um quarto para comportar seus filhos, já que a moradia possui pouquíssimos apartamentos adaptados para famílias. Além disso, a própria experiência de uma maternidade solitária comprometia a busca por serviços de cuidados, uma vez que não tinham com quem deixar os filhos. O Projeto de Atendimento Domiciliar surge como um espaço de cuidado e reflexão para estas alunas, sem que precisassem deixar seus apartamentos. Os atendimentos aconteciam dentro dos próprios apartamentos ou das áreas comuns da moradia, como cozinhas e salas de televisão, muitas vezes acompanhadas das próprias crianças. O projeto teve grande aceitação e passou a ser divulgado. Atualmente, o projeto se estende a todos os alunos que enfrentam dificuldades de locomoção, de deixar os apartamentos devido a um sofrimento psíquico grave, enfim, que tenham dificuldade de acesso à rede de cuidado da USP.

Palavras-chave: Saúde Pública, Atendimento Domiciliar, Maternidade, Fenomenologia Existencial, Moradia Estudantil.

ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL AMPLIADO ESQUIZOANALISTA COM POPULAÇÃO LGBT EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NA REGIÃO SUL DE MATO GROSSO

Márcio Alessandro Neman do Nascimento, UFMT - Campus Universitário de Rondonópolis

Eloize Marianny Bonfim da Silva, UFMT - Campus Universitário de Rondonópolis

Jefferson Adriã Reis, UFMT - Campus Universitário de Rondonópolis

Lucas Fernandes Tavares, UFMT - Campus Universitário de Rondonópolis

André Santos da Silva, UFMT- Campus Universitário de Rondonópolis

O Laboratório Esquizoanalista de Produção de Subjetividades e(m) Interseccionalidades (LEPSI) desenvolve pesquisas e ações extensionistas, entre elas o programa “*(Trans)ações entre devires e deveres: atendimento psicossocial ampliado com população LGBT em contexto de privação de liberdade*”, que atende a comunidade LGBT, tendo em foco gays, bissexuais, travestis e transexuais que são destinados ao encarceramento na unidade prisional masculina que atende a região sul de Mato Grosso. Partindo da Normativa nº 001/2017/GAB-SEJUDH, o programa tem como objetivo articular e promover ações interventivas que minimizem as homo/bi/transfobias que refletem nas práticas entre muros na unidade. Entre essas ações, convergentes e complementares, que acontecem na ala denominada “Aquarel@s” estão: oficinas de saúde, Direitos Humanos, sexualidade, gêneros e corporalidades; remição pela leitura; horta; autogestão da ala; acompanhamento educacional; atendimento psicossocial individual; oficinas de artesanato; profissionalização; preparação para a vida egressa e participação na construção das políticas públicas prisionais para LGBT no estado de Mato Grosso. O posicionamento teórico-metodológico esquizoanalista apoia a tríade teoria-prática-supervisão por meio de “rodas de conversa” e “atendimento psicológico individual” na perspectiva da clínica ampliada, executadas por discentes do 4º e 5º anos do curso de Psicologia. As temáticas desenvolvidas versam sobre Direitos Humanos e Cidadania, problematização política sobre as condições precárias da vida institucional,

cuidados de si, convivência e respeito, reflexão da vida egressa, vivência LGBT, entre outros. Os processos de estigmatização de ser/estar identificado como LGBT se soma com outras vulnerabilidades pessoais, sociais, programáticas e institucionais, com base nisso, consideramos que as atividades desenvolvidas funcionam como condições afirmativas para expressões de subjetividades, estabelecendo uma conexão polifônica e coletiva entre os participantes da ala. Pensando nisso, esperamos que o programa continue proporcionando ações socioeducativas que viabilizem uma permanência menos sofrida e que potencialize essas pessoas para uma forma de vida possível e menos vulnerável em meio aberto.

Palavras-chave: Sistema Prisional; LGBT; Produção de Subjetividade; Esquizaanálise; Psicologia Social

ATIVIDADES DE CULTURA E EXTENSÃO DO INTER PSI – LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA ANOMALÍSTICA E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

Prof. Dr. Wellington Zangari, Coodenador do Inter Psi, docente do IPUSP.

Dra. Fatima Regina Machado, Co-coordenadora do Inter Psi, IPUSP.

Dr. Everton de Oliveira Maraldi, Diretor de Relações Internacionais do Inter Psi, pós-doutorando, IPUSP.

O Inter Psi - Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais, ligado ao PST, foi estabelecido em 2010 no IPUSP. Tem como objetivo geral realizar estudos e pesquisas interdisciplinares no ponto de intersecção entre a Psicologia Social e a Psicologia Anomalística: a avaliação psicossocial de experiências humanas alegadamente anômalas. Considera-se “experiência alegadamente anômala” aquela que apontaria para um processo de interação entre indivíduos (e entre esses e o meio) caracterizado por aparente inexplicabilidade dentro dos quadros teóricos do *mainstream* científico. Para alcançar esse objetivo, o Inter Psi realiza várias atividades na área de cultura e extensão integradas ao âmbito do ensino e da pesquisa. As principais atividades são: (1) Seis **grupos de estudo** que, como uma “incubadora de pesquisadores”, têm como objetivo preparar interessados para a pesquisa de temas de interesse do laboratório; no comando dos grupos estão os coordenadores do Inter Psi em conjunto com alguns de seus membros; atualmente os grupos contam, no total, com cerca de 60 participantes (graduandos, pós-graduandos e profissionais acadêmicos ou não). (2) Seis **cursos de extensão** gratuitos destinados a profissionais da Psicologia e outras áreas; as aulas se iniciarão em agosto de 2018; terão como objetivo ajudar a preencher a lacuna causada pela ausência do estudo dos temas de interesse do laboratório na formação profissional; assim, os temas estudados corresponderão aos dos grupos de estudo mantidos pelo Inter Psi. (3) Oferta de dois **serviços**: o *Núcleo Clínico do Inter Psi* (destinado ao atendimentos de pessoas com sofrimento psíquico relacionado a questões ligadas à religiosidade e experiências anômalas e à orientação e capacitação de profissionais para o área manejo clínico nessa temática); e o *Acervo do Inter Psi* com cerca de 3000 itens que compõem quatro coleções de livros, revistas e itens 3D relacionados aos temas de interesse do laboratório e que estão sendo catalogados por três graduandos que participam do Programa Unificado de Bolsas. (4) O laboratório mantém o **Canal Inter Psi USP** no Youtube, atualmente com

mais de 11.400 visualizações e mais de 500 inscritos, onde estão disponíveis 12 conferências ministradas por membros do Inter Psi. (5) Realização de **eventos científicos** gratuitos e abertos ao público, destacando-se: as *Jornadas do Inter Psi* (com participação de convidados nacionais) e os *Seminários Avançados do Inter Psi* (com participação de convidados estrangeiros). Como produção bibliográfica do laboratório, destaca-se a elaboração da **Cartilha Virtual Psicologia & Religião: Histórico, Subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos** (disponível gratuitamente *on-line* em áudio e pdf) financiada pela Pro-Reitoria de Cultura e Extensão (1º Edital Santander USP/FUSP de Fomento a Atividades de Cultura e Extensão).

Palavras-chave: Psicologia Anomalística; experiências anômalas; experiências religiosas; subjetividade; saúde mental.

CONECTIVIDADE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA E A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: AVALIAÇÃO PRELIMINAR DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CRÍTICA

José Fernando Andrade Costa, Aluno de doutorado do IPUSP

Este trabalho visa dar continuidade aos resultados de um processo de reflexão crítica sobre os desafios da articulação entre extensão, pesquisa e formação em psicologia iniciado em 2017, no “I Seminário de Cultura e Extensão do IPUSP”. Soma-se a esse processo a comunicação realizada no “I Seminário Metodologias na pesquisa e na atuação”, na qual foi possível apresentar ações desenvolvidas junto a estudantes de uma IES privada da cidade de São Paulo. Nesta comunicação irei apresentar e avaliar os resultados preliminares de uma proposta metodológica para favorecer a “conectividade” entre acadêmicos/as do curso de Psicologia. Trata-se de uma perspectiva que valoriza o fortalecimento das relações entre “pessoas interessadas no mesmo assunto” a partir da análise do cotidiano. Trata-se de viver (e pensar) a formação acadêmica para além dos limites da sala de aula. A ideia central é buscar identificar recursos e potencialidades de estudantes e grupos acadêmicos e articular a aproximação entre pessoas. De um lado, estudantes oriundos da periferia que cursam sua graduação em uma IES privada que demonstram afinidade com temas desenvolvidos em determinados grupos de estudo/pesquisa; do outro lado, a universidade pública, em especial seus grupos institucionalizados, formalmente abertos à comunidade, cuja produção de conhecimento e formação técnica é criticada pelo seu insulamento. Nesse cenário, busquei aplicar os princípios do método participativo do trabalho comunitário proposto por Maritiza Montero ao ambiente acadêmico da seguinte forma: 1) identificando, a partir da prática docente numa IES particular, estudantes oriundos dos bairros periféricos que demonstram capacidade e interesse em contribuir com o desenvolvimento de determinados grupos de estudo/pesquisa na Universidade Pública; 2) apresentando aos coordenadores e/ou membros de grupos de estudo/pesquisa a proposta de convidar um pequeno número de estudantes para participar de atividades do grupo; 3) realizar a aproximação entre estudantes e grupo, considerando alguns fatores intervenientes, tais como preconceito, baixa-autoestima, elitização da Universidade Pública etc.; e 4) discutir reflexivamente com estudantes e membros dos grupos acerca dos resultados positivos e negativos dessa

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

aproximação. Em cerca de um ano (2017-2018), foram envolvidos: 12 estudantes da periferia, um grupo de estudos da USP (Grupo de Estudos sobre Martín-Baró e América Latina PROLAM/USP), uma disciplina de graduação e uma de pós-graduação (IPUSP), e quatro eventos científicos. Em decorrência, observou-se o aumento do interesse dos estudantes em desenvolver pesquisa de Iniciação Científica, sendo duas já concluídas e quatro em análise de projeto do PIBIC, na IES particular. Em síntese, essa simples ideia de “aproximar pessoas interessadas para se fortalecerem mutuamente” parece ser uma via potente para a democratização da Universidade Pública. Para tanto, proponho nessa comunicação refletirmos sobre esse trabalho de mediação em seus aspectos positivos e negativos. Mas, sobretudo, tendo como pano de fundo o horizonte de uma extensão-formativa e crítica, que de fato alie excelência e qualidade acadêmica na Universidade Pública à sua efetiva democratização.

Palavras-chave: Conectividade acadêmica. Formação. Psicologia Social. Direitos. Extensão Universitária.

CONVERSANDO COM OS PAIS E EDUCADORES SOBRE FUTURO, ÉTICA E PREPARO PARA VIVER

Ivonise Fernandes da Motta, Professora Livre Docente do Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Veridiana da Silva Prado Vega, Mestranda pelo Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Cecília Célis Alvim Altobelli, Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Raquel Marques Benazzi Guirado, Mestranda pelo Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A procura por atendimento especializado que temos acompanhado nas clínicas particulares e de instituições para atendimento de filhos e dos próprios pais, nos direcionam para questões sobre as relações e a perspectiva de futuro, e aponta para a demanda de psicoprofilaxia a partir do diálogo com pais e educadores. O LAPECRI - Laboratório de Pesquisas em Criatividade e Desenvolvimento Psíquico apresenta a proposta do projeto de extensão Conversando com os pais e educadores sobre futuro, ética e preparo para viver, para a articulação entre o conhecimento produzido na universidade e a comunidade. Tendo como público alvo pais e educadores, os objetivos são: realizar palestras em escolas públicas ou privadas da cidade de São Paulo, para falar sobre os temas das pesquisas que estão sendo desenvolvidas; elaborar um questionário no qual os pais e educadores possam expressar suas questões mais importantes em relação aos temas apresentados nas palestras; e elencar e avaliar os temas de maior incidência que demandam informações e diálogos. Para tanto, serão realizados contatos com órgãos educacionais e diretamente com as escolas para viabilizar a realização das palestras e diálogos com os pais e educadores. As pesquisas que fundamentam as palestras estão relacionadas aos temas da família, casal, infância, adolescência, maternidade, paternidade na pós-modernidade, comunicação, criatividade, dentre outros. Alguns temas que poderão ser abordados são: socialização; preparo para o mundo, para a realidade compartilhada, para o mundo em mudança vertiginosamente rápida; de que maneira podemos preparar as crianças para o desconhecido, para um futuro que descortina muitos desafios, inclusive de profissões que tendem a sumir e novas profissões que estão

surgindo; o uso das informações para viabilizar novas soluções; o uso da criatividade. Que elementos podem vir a ser facilitadores de um aumento de contato psíquico entre pais e filhos, isto é, a comunicação se manter viva e presente no relacionamento pais-filhos e que possibilite relações íntimas e de proximidade, de compartilhamento. Outro aspecto importante para se frisar é a ética e a moral nos dias atuais, o papel dos pais e dos educadores em facilitar a constituição de valores éticos no viver e na construção de projetos de vida que demandem um futuro direcionando para valores compartilhados, por grupos sociais das mais diferentes ordens, das mais diferentes culturas e localidades. Pensamos que, apesar das mudanças tão profundas que assistimos no mundo contemporâneo, a família continua sendo um lugar privilegiado de preparo para a vida, de preparo para vivenciar as lealdades e deslealdades existentes a cada dia.

Palavras-chaves: criança; pais; educador; ética; futuro.

**CUIDADO AO ENFERMO, CUIDADO COM O EFÊMERO: O PLANTÃO
PSICOLÓGICO NA POSSIBILIDADE DE ENCONTRO COM OS
PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO HOSPITAL**

João Vitor Lemos França, aluno de graduação do IPUSP, bolsista do Programa Unificado de Bolsas (PUB) 2017/2018

Taís Silva da Mata, aluna de graduação do IPUSP, bolsista do Programa Unificado de Bolsas (PUB) 2017/2018

Fernanda Nardoni, mestrande do PSA-IPUSP, supervisora do LEFE

Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato, professora do PSA-IPUSP, coordenadora do LEFE

O projeto do Plantão Psicológico no Hospital Universitário (HU) da Universidade de São Paulo (USP) viceja desde 2007, como uma ação do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE-USP) na instituição que a convoca. É um projeto de prática psicológica itinerante: os plantonistas circulam pelos diversos espaços do hospital sem roteiro prévio, deixando-se tocar pelo contato com quem se deparam. O atendimento que pode acontecer nesse encontro é um modo de acompanhar o outro, ainda que transitoriamente, em que os plantonistas oferecem escuta aberta para a experiência que se revela. Não se restringe quem é o outro a ser atendido; o plantonista pode se inclinar a qualquer um, seja paciente, acompanhante, funcionário, estagiário. Não obstante essa abertura, nos últimos anos vinha se percebendo a dificuldade que os profissionais do HU tinham em assumir o Plantão como uma possibilidade de abrigo também para si. Ao mesmo tempo, nos raros encontros que ocorriam de fato com os funcionários, vislumbra-se uma angústia insistente na sua fala, que tocava principalmente o cotidiano do trabalho. O objetivo do projeto foi, a partir de então, compreender como o Plantão Psicológico poderia responder ou não às demandas que esses atores institucionais dirigiam ao Plantão, dado a dificuldade que esses atores institucionais demonstravam em se apropriarem de um espaço de cuidado próprio dentro de seu ambiente de trabalho. Os plantonistas pesquisadores se propuseram a, em suas

andanças pelo hospital, levar acesa a chama de uma indagação: como se abre a possibilidade de cuidado ao cuidador? A pesquisa não modificou o modo dos plantonistas de transitar livremente pelo espaço - foi precisamente essa a sua metodologia, junto à partilha de narrativas nas supervisões e à escrita implicada dos diários de campo, que seguiram avivando o nosso questionar. Nas experiências de encontro com os profissionais, uma fragmentação desse corpo em trabalhadores responsáveis pela manutenção do hospital, como faxineiros e seguranças, e trabalhadores responsáveis pelo cuidado médico dos pacientes, como enfermeiros e médicos, deu-se a ver na lida sobre o falar de si. Os primeiros permitiam-se abrir para a possibilidade de um atendimento do Plantão, apesar de encontrarem-se rigorosamente restringidos pelas limitações de espaço e tempo impostos por suas chefias. Já em relação ao segundo grupo de funcionários, observou-se um esforço em manter a cisão da vida profissional e pessoal, o que dificultava o dizer para além da posição de quem cuida do outro. Em um novo cenário agora, o questionamento que se faz presente ainda é o que motivou a pesquisa: como se abre a possibilidade de cuidado ao cuidador?

Palavras-chaves: cuidado; HUUSP; plantão psicológico; trabalhadores da saúde

**ENCONTRO PARA BRINCAR: COMPARTILHAMENTO DE
BRINCARDEIRAS E PRÁTICAS CULTURAIS NA CASA DE CULTURAS
INDÍGENAS DA USP**

Briseida Dogo de Resende, Professora Doutora do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Danilo Silva Guimarães, Professor Doutor do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Paula G. Rasia Lira, Doutoranda em Psicologia Experimental - IPUSP.
Christina Maria Moretti, Mestranda em Psicologia Experimental - IPUSP.
Caroline de Andrade Brito, Graduanda em Psicologia e bolsista PUB -IPUSP
Hannah Cordeiro, Graduanda em Psicologia e bolsista PUB – IPUSP.

A Rede de Atenção à Pessoa Indígena (Rede Indígena) e o Laboratório de Etologia Cognitiva, vinculados ao Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de São Paulo, construíram e desenvolveram no decorrer do último ano letivo o projeto de extensão *Encontro para Brincar: Compartilhamento de Brincadeiras e Práticas Culturais na Casa de Culturas Indígenas da USP*. Utilizando a brincadeira como instrumento de apropriação de significados do mundo social, e compreendendo que no brincar as crianças criativamente compartilham conhecimentos, regras e procedimentos, o projeto teve como objetivo contribuir para o processo de visibilidade da presença indígena em São Paulo, assim como, baseados na Lei Federal nº 11.645/2008 e Plano Nacional Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Étnico-Raciais, buscou propor práticas educativas alternativas que permitam trabalhar a temática indígena na escola de forma a valorizar e reconhecer a singularidade e a identidade dos povos indígenas como sujeitos de direito. Participaram das atividades do projeto, as crianças do Tekoa Yyrexãkã, comunidade Mbya Guarani localizada a 6 quilômetros do distrito Marsilac no extremo sul da cidade de São Paulo, e as crianças do 3º ano do Fundamental I da turma de 2017 e 2018 da escola Hugo Sarmiento, localizada na zona oeste do município. O trabalho teve início no segundo semestre de 2017, por meio da articulação da parceria com a aldeia Guarani e com a escola. O primeiro passo consistiu no contato e na apresentação da proposta do projeto a ambos os grupos. A partir do estabelecimento desta comunicação, houve a escuta de suas demandas, de forma a

refletir sobre a construção de atividades que fossem significativas para as crianças participantes, e a elaboração um cronograma. Em 2017, as crianças se engajaram em uma troca de cartas e vídeos, onde se apresentavam, contavam sobre sua rotina e puderam conhecer um pouco mais sobre a vida das crianças do outro grupo étnico. Com a turma de 2018, a troca de cartas e vídeos foi finalizada com um encontro presencial das crianças realizado na Casa de Culturas Indígenas do IP, no dia 19 de abril, criando um espaço privilegiado para as crianças interagirem e aprenderem umas com as outras. Após o encontro presencial foram realizadas reuniões de avaliação com o Hugo Sarmiento e com o Tekoa Yyrexãkã, de forma a permitir refletir sobre os resultados das ações do projeto. Nesse sentido, pode-se afirmar que as atividades desenvolvidas possibilitaram que as crianças Guarani tivessem uma voz ativa no compartilhamento de sua história e seu modo de vida. Através dessas interações as crianças não indígenas aprenderam por meio do reconhecimento de semelhanças e diferenças dos grupos étnicos, dando importantes passos na desconstrução de estereótipos cristalizados que são perpetuados em nossa sociedade e dificultam a visibilidade dos povos indígenas brasileiros.

Palavras-chaves: Visibilidade Guarani; práticas educativas; crianças; interação social; brincadeira.

ENCONTROS E VIVÊNCIAS NA CASA DE CULTURAS INDÍGENAS DA USP

Danilo Silva Guimarães, Professor Associado do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (orientador).

João Pedro Barbosa, Graduando em Ciências Sociais (bolsista PUB –Extensão).

Paula Fornaziero da Silva, Graduanda em Letras (bolsista PUB –Extensão).

Rafaela Waddington Achatz, Graduanda em Psicologia.

A Casa das Culturas Indígenas (CCI) é resultado de propostas de trabalho da Rede de Atenção à Pessoa Indígena (Rede Indígena) do IPUSP com comunidades Guarani do estado de São Paulo. A Rede Indígena visa realizar uma escuta qualificada capaz de estabelecer o vínculo necessário para a compreensão de vulnerabilidades psicossociais enfrentadas pelas comunidades indígenas, de forma a buscar, em conjunto, formas de superá-las. Dentre seus propósitos citamos fomentar reflexões no âmbito da relação entre distintos saberes. Buscamos a construção conjunta de atividades que visam o diálogo reflexivo sobre a situação da saúde, garantia de direitos, demarcação de terras, fortalecimento da cultura tradicional e educação diferenciada. Temos fomentado encontros que promovam esses objetivos através, dentre outras ações, da realização de convocatórias de ocupação da CCI. A primeira convocatória aconteceu em março de 2018 e por meio dela foram efetivados seis encontros na Casa. Nesses encontros, houve a exibição do filme ‘Ribeirão das Lavras - um rio Guarani’, rodas de conversa, cantos e danças tradicionais Guarani e do *Toré indígena*, aula aberta do curso de Língua e Cultura Guarani com o professor Almir da Silveira, organizada pelo Núcleo Indígena do IGC-USP. Nos eventos foram explorados temas como retomada da ancestralidade indígena por pessoas que estão buscando recuperar aspectos silenciados de sua identidade; relatos de experiências vividas no Acampamento Terra Livre, organizado pelo movimento indígena nacional em Brasília/DF; desafios vividos na aldeia Jaraguá em relação a poluição dos rios. Criamos uma página no *Facebook* para a Casa, para sua divulgação e comunicação direta com os envolvidos no cuidado do espaço. Os encontros realizados possibilitaram uma proximidade com o coletivo Levante Indígena da USP, que propôs grande parte das atividades realizadas na convocatória de ocupação. Adicionalmente, em resposta à demanda de acolhimento psicológico por parte de pessoas indígenas, começamos a

elaborar um grupo de reflexão para viabilizar a realização de atendimentos (individual ou em grupo) na CCI. Como acolher e cuidar do sofrimento psicológico de forma a contribuir para que as pessoas indígenas possam habitar o mundo de forma serena e confiada, que é a condição do gozar e experimentar o corpo de forma prazerosa e longe dos riscos e das incertezas da sobrevivência? Discutimos sobre os percursos para o estabelecimento de relações de confiança e cuidado que permitam o desenrolar de um trabalho terapêutico, tendo em vista o contexto contemporâneo de acirramento de violências contra os povos indígenas e apagamento das alteridades. Também discutimos sobre as bases antropológicas e filosóficas das práticas psicológicas e a possibilidade de elaborar, em conjunto com os indígenas, novas práticas que dialoguem adequadamente com suas culturas e que reconheçam a multiplicidade de vozes constitutivas do espaço psicológico.

Palavras-chaves: visibilidade indígena; casa de cultura indígenas; psicologia cultural; Guarani.

**ENTRELAÇAMENTOS DA PSICOLOGIA E DO DIREITO: O ESPAÇO DE
PLANTÃO PSICOLÓGICO NO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE
AGOSTO**

Lucas Cardoso Fonseca, aluno de graduação, bolsista do Programa Unificado de Bolsas de Estudo, sob a vertente de Cultura e Extensão no projeto de Atenção Psicológica à Comunidade do Departamento Jurídico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP.

André Prado Nunes, Doutor em Psicologia pelo IPUSP, supervisor.

Joyce Cristina de Oliveira Rezende, aluna de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, supervisora.

Henriette Tognetti Penha Morato, Professora coordenadora do LEFE, Doutora em Psicologia pelo IPUSP, orientadora.

Arthur Gobatti Mota, aluno de graduação, colaborador.

Henrique Passos Alvalá, aluno de graduação, colaborador.

Roberta Lia de Moraes Campos, aluna de graduação, colaboradora.

O projeto de Plantão Psicológico no Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ) surgiu do pedido feito em 2001 pela diretoria da instituição por uma parceria com o Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) para um trabalho voltado à comunidade e às estagiárias de Direito. O projeto ocorreu, num primeiro momento, entre os anos de 2001 e 2008, tendo sido feito um novo pedido em 2012. O DJ é uma entidade que presta assistência jurídica gratuita à população de baixa renda da cidade de São Paulo, dirigida por alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). O plantão, na perspectiva da Fenomenologia Existencial, visa oferecer atenção e cuidado para aquele que se disponibilize ao atendimento, no momento da sua angústia. Uma vez por semana (quinta-feira), quatro alunos de graduação e uma supervisora de campo vão até a instituição oferecer atendimento pretendido. A supervisão de campo tem como objetivo fornecer suporte e cuidado para os alunos, para que esses possam realizar os atendimentos com segurança. Esta supervisão ocorre tanto no meio de

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

atendimentos (supervisão de meio) para que seja possível o plantonista se organizar para sua segunda metade, como no final dos mesmos. Às sextas-feiras ocorre a supervisão do projeto, com a reunião dos alunos e de ambos os supervisores para discutir em grupo os atendimentos realizados. Este trabalho tem como objetivo discutir as atividades realizadas de agosto de 2017 a junho de 2018. A primeira dificuldade que se apresenta no projeto é a questão de como oferecer atendimento psicológico em uma instituição que tem como trabalho o campo jurídico, de forma que os assistidos não vão ao DJ procurando a Psicologia e sim o Direito. Tal questionamento é capaz de gerar grande angústia, visto que o lugar que os alunos ocupam dentro do Departamento se torna incerto, e até que ponto sua ajuda pode ser útil na instituição. Para trabalhar isso se mostrou necessário um trabalho de cartografia, em conhecer o local e ser conhecido pelas pessoas, sendo elas estagiárias, calouras ou diretoras, construindo desta forma um lugar para a “psico” (como é chamado no DJ). Os atendimentos costumam ser realizados junto com as estagiárias de direito, mediante pedidos dessas ou oferecimento da Psicologia em casos em que julga pertinente ao ouvi-los na roda de conversa que ocorre para separação dos casos. Além disso, ultimamente temos recebido pedidos de atendimento por e-mail, de forma que estagiárias de outros dias combinam com as assistidas o comparecimento ao plantão. A experiência de atendimento no Departamento Jurídico permite ao aluno de Psicologia a oportunidade de conhecer outro campo possível de atuação, um campo não comentado ou encontrado comumente na graduação, uma atuação em um local em que o atendimento psicológico não é o foco da instituição e que consequentemente a forma como a psicóloga atua precisa ser construída atendimento após atendimento.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Graduação e extensão; Psicologia e Direito; Interdisciplinaridade; Fenomenologia Existencial.

ESTRATÉGIAS E EFEITOS DA ESCRITA NOS PERCURSOS FORMATIVOS DA GRADUAÇÃO NO IPUSP

Tomaz Volpi Guimarães Piestun, discente do Instituto de Psicologia da USP

Adriana Marcondes Machado, professora do Instituto de Psicologia da USP

Paula Fontana Fonseca, psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP

A escrita, como prática de pensamento, é ferramenta notável do percurso de formação na graduação em psicologia. Em contextos de estágio, mais especificamente, é recorrentemente produzida como forma de registro e preservação das experiências vividas em campo, com vistas a elaborações posteriores a seu acontecimento (relatórios). A escrita, também, presta-se a mediar o contato de atores em jogo no campo de estágio, estando inclusa/o a/o estudante de psicologia, ao se constituir em uma escrita endereçada (cartas). Considerando esses elementos, este trabalho pretende analisar experiências de escrita em um percurso formativo e, portanto, sua função de formação. O material para essa análise é fruto do trabalho em campo em uma escola municipal de educação fundamental, parte da disciplina *Psicologia Escolar e Práticas Institucionais (PEPI)*, organizada pela professora Adriana Marcondes Machado e pelas psicólogas Paula Fontana Fonseca e Ana Beatriz Coutinho Lerner. Desde a entrada da/o estudante nas relações, nas forças em jogo que se constituem no campo do estágio, a disciplina institui procedimentos de escrita que recorrem às experiências produzidas em comum com os atores. Sendo elemento de interiorização dessas forças, a escrita das experiências age em formas de pensar exteriorizadas, em que estudante e sua escrita são pensados alheios à constituição do próprio campo, como se não fossem eles mesmos efeitos e produções do que se cria de existência nessas relações. Entendemos que os atores desse estágio são construídos nas relações e, por efeito, construídos também dentro do próprio contexto do escrever. As práticas de escrever materializam que o acontecer do estágio é o acontecer de estudantes que passam a habitar relações em contexto e, ao o habitarem, o produzem. Produzindo-o, recolhem as cenas do estágio como efeitos também de sua presença. A escrita do estágio oportuniza que pensamentos se lancem sobre essa questão, uma vez que expõe implacável, na exigência pelas palavras de quem escreve, que a genealogia do estágio coincida com a genealogia da própria escrita. O procedimento deste trabalho consiste da análise das produções escritas de estudantes estagiárias/os durante o percurso

da disciplina de PEPI no ano de 2017. Serão utilizados os relatórios e as cartas produzidas por um dos grupos de seis estudantes dessa disciplina que estagiaram na mesma escola. Para tanto, serão apresentados o contexto dessa escola, as problemáticas vividas, as questões recortadas e a escrita criada como forma de agir. Na análise desse material serão ressaltadas, nos movimentos da escrita e em suas variações, as inflexões de pensamento presentes nos processos formativos dos discentes.

Palavras-chaves: escrita; formação em psicologia; estágio; psicologia escolar

EXPERIÊNCIAS POSSÍVEIS EM PSICOLOGIA ESCOLAR E PRÁTICAS INSTITUCIONAIS

Bruna Sym, aluna de graduação do IPUSP

Gustavo Eiras, aluno de graduação do IPUSP

Isabela Monteiro, aluna de graduação do IPUSP

Julia Pedigone, aluna de graduação do IPUSP

Lenka Seinerová, aluna intercambista de graduação do IPUSP

Lucas Quintela, aluno de graduação do IPUSP

Mariana Ribeiro, aluna de graduação do IPUSP

Mariana Ros Stefani, aluna de graduação do IPUSP

Marina Sumares, aluna de graduação do IPUSP

Sung Hwan Ahn, aluno de graduação do IPUSP

Victor Ibrahim, aluno de graduação do IPUSP

Paula Fontana Fonseca, psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP e supervisora junto à disciplina Psicologia Escolar e Práticas Institucionais

Adriana MArcondes Machado, docente do IPSUP e responsável pela disciplina Psicologia Escolar e Práticas Institucionais

Nosso projeto de extensão insere-se na disciplina de Psicologia Escolar e Práticas Institucionais, ministrada para alunos a partir do 7º semestre de graduação e intercambistas, cujo objetivo é desenvolver formas de pensar os acontecimentos nas instituições escolares de maneira a dar relevo ao processo de produção social, político e histórico dos mesmos; problematizar a ação da psicologia nas instituições educativas considerando sua participação na produção dos problemas a serem trabalhados; desenvolver conceitos que ajudem a analisar os fenômenos de forma a instrumentalizar o

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

aluno a ter acesso ao campo de forças do qual as práticas se instituem. Para isso, foram contatadas previamente pela equipe da disciplina (Adriana Marcondes Machado, Ana Beatriz Coutinho Lerner e Paula Fontana Fonseca), duas EMEFs localizadas nas proximidades da USP, a saber: Desembargador Amorim Lima e Ibrahim Nobre, sendo que o nosso grupo se deteve na primeira escola. A pluralidade dos espaços e propostas da escola Amorim Lima (salão, tutoria, oficinas, ciclo I e II) foi ocasião das ações do nosso grupo, que por sua vez se dividiu em quatro duplas e um trio. Como metodologia do trabalho, compreendemos que as nossas ações ancoram-se na perspectiva de que a pesquisa e a intervenção caminham juntas, uma vez que, envolvido no diagrama de forças que investiga, o aluno busca formas de agir naquilo que se constitui no campo. Em cada turma da Amorim exigiu-se ações singulares, seja criando espaços para discutir questões sobre álcool, drogas e sexualidade para o nono ano, seja acompanhando o roteiro dos salões e das tutorias do ciclo I e II (3º,4º e 5º e 6º,7º e 8º, respectivamente). A partir de idas semanais, compusemos os espaços da Amorim e registramos, posteriormente, as experiências através de exercícios que percorreram distintos gêneros textuais como, por exemplo, glossários teóricos decorrentes das leituras, relatórios semanais, cartas-relatórios que são discutidas nas supervisões também semanais. Ao final do estágio, as cartas foram entregues aos profissionais das instituições.

Palavras-chaves: psicologia escolar; instituição; EMEF Amorim Lima; pesquisa-intervenção.

EXTENSÃO COMO APOSTA: FORMAÇÃO NA PRÁTICA CLÍNICA EM UM SERVIÇO PÚBLICO DE UMA CLÍNICA ESCOLA

Vinicius Carbone Duarte de Araújo, formado pelo IPUSP

João Pedro Padula, graduando do IPUSP

O trabalho no Núcleo de Educação Terapêutica (NET) do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP é sustentado pelos pilares do ensino e da extensão. A formação de um psicólogo capaz de dialogar com os contextos de trabalho encontrados em nosso país e nossa cidade deve passar por experiências sustentadas por esses pilares, como aquelas que tivemos ao longo dos últimos meses, enquanto estagiários do NET. Nesse trabalho trataremos de situações vividas nos atendimentos realizados entre 2017 e 2018, de forma a compreender esse serviço de extensão universitária em seus potenciais de formação profissional e acadêmica e de impacto na comunidade. Esses atendimentos desse serviço ocorreram na clínica do Instituto de Psicologia da USP (CEIP), semanalmente e em grupo. No período que apresentaremos aqui, fizeram parte desse grupo cinco crianças, duas psicólogas (responsáveis pelo serviço) e dois estagiários. A aposta em tornar os estagiários sujeitos ativos no trabalho e responsabilizá-los por grande parte das atividades é o que potencializa essa prática em psicologia enquanto formação e extensão. Ao trabalhar no NET os alunos se deparam caminhos que exigem tomadas de decisão, intervenções e apostas. Ao possibilitar que os alunos façam suas próprias escolhas e vivenciem as experiências clínicas que advirem delas, tendo na supervisão o ponto de sustentação e elaboração dessas escolhas, o NET se constitui como serviço que potencializa uma prática clínica construtiva, que não cristaliza as relações existentes entre pacientes, familiares, estagiários e supervisoras. É nesse sentido e com o intuito de defender a prática clínica na extensão como edificante da formação, que, apresentaremos experiências clínicas vividas pelos estagiários. Buscaremos debater o desenvolvimento de cada uma das apostas feitas, compreender seus impactos sobre os usuários do serviço e analisar a importância dos momentos de supervisão para que as intervenções pudessem ser construídas, transformadas e avaliadas conjuntamente por estagiários e supervisoras.

Palavras-Chaves: Psicologia Clínica, Ensino, Extensão

**GRUPO DE ESTUDO EM PSICOLOGIA DA RELIGIÃO (GEPSIREL / INTER
PSI / IP-USP)**

Dra. Beatriz Ferrara Carunchio, Instituto de Psicologia da USP

Dra. Camila Mendonça Torres, Instituto de Psicologia da USP

Ms. Monica F. De Castro Huang, Instituto de Psicologia USP

Prof. Dr. Wellington Zangari, Instituto de Psicologia da USP

Dra. Fatima Regina Machado, Instituto de Psicologia da USP

O Grupo de Estudos em Psicologia da Religião (GEPSIREL) é uma das atividades de extensão do Inter Psi - Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais, que por sua vez está inserido no Departamento de Psicologia Social do IP-USP. O grupo surgiu no ano de 2012 por iniciativa de alunas da pós-graduação em Psicologia Social, com o objetivo de reunir interessados na área da Psicologia da Religião e aprofundar conhecimentos neste campo. Atualmente o grupo conta com dezoito membros que cursam, já cursaram ou aspiram cursar pós-graduação no programa. As reuniões funcionam presencialmente através de seminários em que, a cada encontro, um grupo de membros é responsável por apresentar aos demais o tema escolhido, baseando-se em artigos científicos, livros e trabalhos acadêmicos. Uma preocupação constante também é atualizar os temas apresentados, trazendo pesquisas atuais sobre o assunto. Quanto aos temas abordados, as coordenadoras do grupo propõem a cada semestre um novo assunto ligado ao campo da Psicologia da Religião, dividindo-o em subtemas a serem trabalhados nos seminários. Dentre os temas já estudados, estão os autores clássicos de Psicologia da Religião que apontam para as origens deste campo de estudos, como William James, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Abraham Maslow, Viktor Frankl e Gordon Allport; as cartas trocadas entre Sigmund Freud, ateu, pai da psicanálise, e Oskar Pfister, psicanalista e pastor protestante; revisão das pesquisas e estudos publicados na última década no *International Journal for the Psychology of Religion*, periódico acadêmico de maior destaque na área; e o desenvolvimento da religiosidade nas diferentes fases da vida, da criança ao idoso. Além dos temas citados, o grupo dedicou-se em desenvolver uma pesquisa intitulada "A Ciência dos Religiosos", dialogando com a pesquisa anteriormente desenvolvida pelo professor Geraldo Jose de Paiva, intitulada "A Religião dos Cientistas". No próximo semestre, o grupo estudará o ateísmo em suas diferentes formas. Esse tema

se justifica pelo aumento do número de ateus e sem religião nas últimas décadas na população brasileira, bem como pela necessidade de aumento de pesquisas científicas com ateus, já que esse grupo ficou por anos à margem de estudos em Psicologia da Religião.

Palavras-chave: psicologia; religião; psicologia social da religião.

GRUPOS REFLEXIVOS COM PRETENDENTES À ADOÇÃO: UMA ANÁLISE PRÉVIA DOS RESULTADOS OBTIDOS

João Vitor da Silva Nascimento, Graduando em Psicologia pela Universidade de São Paulo;

Jones da Silva Gomes, Graduando em Psicologia pela Universidade de São Paulo;

Isabel Cristina Gomes, Profa. Titular do IPUSP e coordenadora do LabCaFam.

O projeto Grupos Reflexivos com Pretendentes à Adoção surgiu no final de 2014 através de uma parceria entre o Laboratório de Casal e Família: Clínica e Estudos Psicossociais (LabCaFam), do IP-USP, e a Vara da Infância e da Juventude de Osasco. Como objetivo central, busca produzir um espaço de reflexão e de diálogos multidisciplinares, por meio de uma cultura de adoção responsável e madura. Além disso, objetiva discutir as motivações conscientes e inconscientes dessa escolha, preconceitos, idealizações e outros temas pertencentes ao universo da adoção, no sentido de possibilitar um melhor preparo aos pretendentes (no que tange à tarefa de constituição dos laços filiativos) e a diminuição da incidência de devoluções. Com sua proposta, o grupo possibilita um espaço de escuta sobre o tema e dá margem a conteúdos internos envolvidos na temática da adoção. A atividade é realizada antes dos pretendentes entrarem com a documentação necessária para abertura do processo e iniciarem as avaliações psicológica e social para serem incluídos, ou não, no Cadastro Nacional de Adoção. Sublinha-se que essa população possui várias configurações familiares, tais como: casais heteroafetivos, casais homoafetivos, solteiros, recasados e casais com filhos biológicos. No que diz respeito à metodologia utilizada, delimitou-se a realização de dois encontros, espaçados em uma semana. Por meio de vídeos, depoimentos e atividades de fotolinguagem, busca-se promover o encontro de pessoas que compartilham da mesma problemática ou situação e cria-se um espaço terapêutico que permita trocas, informações, conscientizações e ajuda mútua. Ao fim, os participantes são convidados a responder um formulário sobre a experiência no grupo. A análise dos formulários dos grupos de Osasco, por exemplo, tem apontado um maior amadurecimento no processo da escolha, favorecido por uma descrystalização de estereótipos ligados à adoção e um reforço ou manutenção na decisão em adotar. Por meio desta ferramenta, objetiva-se neste estudo elencar os resultados prévios da atividade na região de Osasco através do discurso escrito pelos próprios

pretendentes. Com a participação de psicólogos das Varas de Infância e Juventude, dos alunos da pós-graduação e sob a supervisão da professora coordenadora, o projeto oferece aos alunos da graduação a preparação e formação necessárias para atuar na área de proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente através do estudo e contato com o tema da adoção, instituições de acolhimento e arranjos familiares, no contexto do judiciário.

Palavras-chave: adoção; grupos reflexivos; pretendentes à adoção; psicanálise.

MAPEAMENTO DE QUEIXAS E DEMANDA DE ESTUDANTES (2º E 3º GRAU) ATENDIDOS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO/LEFE-IPUSP

Patrick Amon Mirão Lima dos Santos, Bolsista PUB, Graduando do IPUSP

Thiago Schaffer Carvalho, Bolsista PUB, Graduando do IPUSP

Heloísa Antonelli Aun, Supervisora, Psicóloga do IPUSP

Henriette Tognetti Penha Morato, Orientadora, Docente do IPUSP

Nos últimos anos, plantonistas e supervisores do Projeto de Atendimento em Plantão Psicológico (APP) do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia, do IPUSP, observaram um aumento do número de estudantes (do segundo e terceiro graus) que procuram por atenção psicológica. Na tentativa de dar sentido a este fenômeno, procuramos, neste presente trabalho, interpretar como o *ser estudante* poderia estar presente no movimento de procura pelo APP. O objetivo desta pesquisa é buscar compreender qual a demanda do cliente que o leva ao atendimento em plantão psicológico no IPUSP. Nessa direção, a metodologia orienta-se por uma pesquisa qualitativa, recorrendo aos relatórios de atendimento, realizados pelos plantonistas, e delimitando a população analisada aos estudantes (a partir do 2º grau) atendidos no período de março a julho de 2017, quando foram atendidos 71 estudantes, o que corresponde a 56,8% do total de clientes que compareceram ao plantão. Para isso, buscou-se, através da leitura dos relatórios de cada atendimento, entender quais eram as demandas trazidas por cada cliente para encontrar possibilidades de compreensão do sentido da procura de estudantes pela escuta nesta modalidade de atendimento psicológico e como ela poderia apresentar possibilidades para a questão do sofrimento em estudantes no mundo atual. A leitura dos relatórios indica que muitos estudantes encontram-se em lugares nos quais não se reconhecem como eles mesmos, não vendo sentido nos caminhos que trilham, às vezes nem se dando conta deste caminhar/trilhar. Frequentemente, a demanda também envolvia a falta de se reconhecer no próprio sentimento. Além disso, apresentam dificuldades em se relacionar com o outro, em se colocarem como pessoas capazes de trazer o que são diante de pais, amigos, instituições no mundo em que habitam. Surgem também questões ligadas ao mundo acadêmico, como a dificuldade de lidar com expectativas de rendimentos, gerando um sentimento de culpa e cobrança por não se sentirem correspondendo ao que julgam ser deles esperado. É interessante ressaltar que esses

sentimentos descritos parecem muitas vezes estarem permeados por ansiedades que dificultam ainda mais o estar consigo e com os outros.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; demanda de estudantes; ansiedade.

ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR:

UM ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A CRIANÇAS E JOVENS EM DIFICULDADES NA ESCOLA EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Beatriz de Paula Souza, psicóloga do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar -LIEPPE/PSA/IPUSP

Profa. Dra. Marilene Proença R. de Souza, coordenadora do LIEPPE/PSA/IPUSP

A Orientação à Queixa Escolar –OQE- é uma modalidade, breve e focal, de atendimento psicológico a crianças e jovens que enfrentam dificuldades e sofrimentos em seu processo de escolarização. Vem sendo desenvolvida há cerca de vinte anos no Instituto de Psicologia da USP, atualmente vinculada ao Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar -LIEPPE. Orienta-se por um referencial dialético de compreensão e intervenção em queixas escolares, procurando caminhos para a superação da dicotomia entre processos de constituição da singularidade na subjetividade dos indivíduos, por um lado e dos condicionantes sociais e históricos na mesma, por outro. Entende-se a queixa escolar como produção de uma rede de relações. Assim, embora a maior parte dos encontros do processo aconteçam com o encaminhado, trabalha-se com todos os principais envolvidos na produção e manutenção da queixa -geralmente, criança/adolescente, pais/responsáveis e educadores da escola. No encontro das diferentes versões surgidas, a queixa é historicizada e problematizada e novos olhares, modos de relação e possibilidades de ação são construídos. Considera-se as diversas dimensões da mesma e suas mútuas determinações, do sofrimento individual aos atravessamentos institucionais e sociais. Pensar o cotidiano da sala de aula tem-se revelado fundamental, assim como o resgate da potência de cada um dos implicados. Perguntas e instrumentos próprios têm sido desenvolvidos. Ao longo do desenvolvimento da OQE, mais de uma centena de psicólogos de diferentes inserções profissionais passaram por uma sólida formação teórico-prática, no curso de Aperfeiçoamento na modalidade, além de dezenas de alunos da graduação do IPUSP. Recentemente o curso passou a ter um formato mais compacto, de modo a favorecer a participação de psicólogos de outras cidades e Estados,

e prever mais espaço para conhecer e pensar as práticas que estes profissionais desenvolvem nas instituições em que estão inseridos a partir do instrumental teórico-prático da OQE. Juntamente com as possibilidades de divulgação e estudo abertas pela publicação da coletânea *Orientação à Queixa Escolar*, produziu-se um espraçamento nacional de experiências inspiradas no trabalho do IPUSP, além de pesquisas. A OQE é hoje importante referência nacional, no que tange aos atendimentos às queixas escolares. A obra é literatura em diversos cursos de formação de psicólogos, como no sistema nacional da Universidade Paulista –UNIP, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, além de subsidiar trabalhos nas redes públicas de Saúde, Educação e Assistência Social de diferentes cidades. Concursos públicos a têm indicado.

Palavras-chave: Queixa Escolar; Psicologia Escolar; Infância; Adolescência; Psicoterapia

OS LIMITES E FRONTEIRAS ENTRE O PLANTÃO PSICOLÓGICO E O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO

Fernanda Santos Diniz, aluna do Instituto de Psicologia da USP

Lygia Arias Bagno, aluna do Instituto de Psicologia da USP

Letícia Campos Padula, aluna do Instituto de Psicologia da USP

Giovanna da Silva Bortoli, aluna do Instituto de Psicologia da USP

O Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do IPUSP oferece para a população em geral o serviço de Plantão Psicológico, que se configura como um ato de “pensar junto” (Morato, 2006) na clínica, propondo “devolver a pessoa a si mesma”, ou seja, colocá-la sobre seus próprios cuidados, a partir do encontro com o plantonista.

A prática clínica em Plantão torna-se mais complexa nos atendimentos em família, nos quais recai sobre os pais a responsabilidade de falar pelos filhos, sujeitos que, tal como são entendidos nos âmbitos médico e jurídico, ainda não podem falar sobre si. Dada essa complexidade, muitas vezes o acolhimento da demanda enviada aos profissionais transborda o espaço físico-temporal do Plantão Psicológico, tomando o modelo de Psicodiagnóstico Interventivo como privilegiado na forma de olhar e se dispor sobre o sofrimento da família. Dessa maneira, foi identificado na prática clínica do LEFE a necessidade de se oferecer Psicodiagnósticos Interventivos Colaborativos, como entendido pela abordagem fenomenológica. Segundo Yehia et al (2016), ele tem como paradigma a noção de sujeito ativo, englobando no processo tanto a visão da criança, quanto a participação dos pais para, a partir deles, construir uma narrativa que fizesse sentido para todos os envolvidos e, assim, pensar o problema daquela família.

Seguindo o referencial fenomenológico existencial enquanto um modo de se dispor ao outro, assumimos a inseparabilidade sujeito-objeto: se o ser é condição ontológica que apenas constrói sentidos, modos-de-ser, no contato com o mundo, resulta-se que o mundo, também, é fruto dessa construção. Assumimos neste trabalho a atitude do pesquisador-viajante (Cabral & Morato, 2003) para a partir dos atendimentos realizados pelo LEFE

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

entre 2017 e 2018, construirmos, no caminho, uma possibilidade de sentido para os Psicodiagnósticos e o seu lugar na instituição.

Após o primeiro ano de experiência do projeto, vimos, ao longo do segundo ano, quintuplicar o número de famílias atendidas em psicodiagnóstico. Com a entrada de novos estagiários, as vagas foram preenchidas na medida em que a demanda por psicodiagnóstico era recebida no Plantão e então encaminhada para nós, até que todas foram preenchidas ao final do segundo ano e foi preciso abrir uma lista de espera. Percebemos o quanto o crescimento e amadurecimento do projeto trouxe benefícios para a população atendida, contribuindo para o acesso a atendimento psicológico para um número significativo de famílias que não teriam condições de arcar com esse tipo de serviço.

Contudo, ao final desse segundo ano de projeto e em face a todas as mudanças vividas ao longo desses 2 anos, foi necessário refletir sobre como ele está construindo seu espaço tanto no LEFE quanto no CEIP como um todo. Vivemos um grande aumento na demanda por atendimento psicológico no CEIP, com grande aumento no número de pessoas atendidas no plantão e, conseqüentemente, de famílias encaminhadas para o Psicodiagnóstico. Como um projeto ainda pequeno e novo como o nosso está respondendo a esse crescimento na demanda? Como pensar a forma como as famílias têm sido encaminhadas para psicodiagnóstico em face à disponibilidade limitada de vagas que possuímos? É possível expandir nossos atendimentos ou é preciso uma maior articulação entre psicodiagnóstico e Plantão Psicológico para construir alternativas devido ao limite de vagas?

O Projeto de Psicodiagnóstico Interventivo mostrou ter grande potencial para atender famílias com demandas importantes, construindo um trabalho com a colaboração de todos os envolvidos no processo. Porém, é preciso refletir sobre como a institucionalização deste projeto pode acabar refletindo no trabalho que fazemos e com a construção de um trabalho com as famílias que em que realmente haja o engajamento de todos os envolvidos.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico ; Plantão Psicológico

PORTAL E-OQE:**INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO DE SABERES E MATERIAIS DA
ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR/IPUSP**

Ms. Beatriz de Paula Souza, psicóloga do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar -LIEPPE/PSA/IPUSP

Ms. João Ricardo T. L. de Souza, psicólogo com formação em Orientação à Queixa Escolar

Profa. Dra. Marilene Proença R. de Souza, Coordenadora do LIEPPE/PSA/IPUSP

Prof. Dr. Almir Antonio Rosa (Almir Almas), Vice-Diretor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão e do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes – da USP, Coordenador Geral do Laboratório de Arte, Mídia e Tecnologias Digitais –LabArteMídia/ECA/USP.

Apresentamos um projeto de ampla divulgação de conhecimentos teórico-técnicos de uma abordagem inovadora em Psicologia diante de dificuldades na vida escolar, desenvolvida pelo Serviço de Orientação à Queixa Escolar –OQE, do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar –LIEPPE, do Instituto de Psicologia -IP. Foram construídos a partir de 1998, tornando-se uma referência nacional na área. A OQE é uma modalidade de atendimento psicológico a crianças, adolescentes, adultos e seus pais e educadores, que enfrentam dificuldades e sofrimentos na vida escolar. Surgiu e desenvolveu-se no seio do Instituto de Psicologia da USP -IPUSP, integrando saberes da Psicologia Escolar em uma perspectiva crítica, atenta a determinantes históricos e sociais que produzem esta demanda. A procura por formação e por subsídios advindos deste corpo de saberes tem sido crescente. Recentemente, ao ser divulgado o curso de formação em OQE, uma postagem no Facebook ultrapassou, em 48 horas, a marca de 13 mil acessos, com muitos pedidos para que fosse disponibilizado online, de profissionais que atuam em cidades distantes de São Paulo, além de diversas solicitações de abertura para quem não é psicólogo. Este alcance e interesse motivou a

criação do projeto de um Portal Eletrônico, para a disponibilização de aulas, slides, instrumentos técnicos, referências bibliográficas, banco de dados sobre a clientela e outros materiais úteis para subsidiar e formar interessados, assim como enriquecer o instrumental de quem forma, ou pretende formar, profissionais de Psicologia e de outras áreas tendo a OQE como uma de suas referências. Entendemos que estaremos, também, cuidando de preservar os referenciais da OQE tais como vêm sendo construídos utilizados no IPUSP, uma vez que a grande disseminação desta modalidade de atendimento e seus pressupostos teórico-técnico trouxe, consigo, mal entendidos sanáveis com maior disponibilidade de informações. Este repositório de saberes e instrumentais da OQE será disponibilizando de forma fácil, amplamente acessível e em linguagem atraente, com recursos audiovisuais contemporâneos. Previmos o uso da internet, possibilitando a divulgação de seus conteúdos em redes sociais. Para isto, planejamos a utilização de alguns dispositivos interligados de produção de conteúdo e divulgação, sendo os principais um portal eletrônico e um canal no YouTube. Para sua realização, teremos a participação de estudantes bolsistas de diferentes áreas, como Psicologia, Educação, Comunicação e Ciências da Computação. Utilizaremos equipamentos da USP e outros que será necessário adquirir. Esperamos, assim, construir um instrumento que contribua significativamente para que psicólogos, educadores e demais interessados na superação das dificuldades e sofrimentos produzidos na vida escolar possam enriquecer-se e instrumentalizar-se para isto.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Queixa Escolar; Divulgação Científica; Mídias Digitais

PROCESSO CARTOGRÁFICO DO CRUSP: CARTOGRAFIA ENQUANTO MÉTODO, CUIDADO ENQUANTO PRÁXIS

João Paulo Nascimento Janeiro, Graduando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Morgana Vaz Dantas, Graduanda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Romy Sigrid Herrera Saenz, Graduanda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Cesar Dias Oliveira, Mestrando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Henriette Tognetti Penha Morato (Orientador), Professora Doutora pelo Instituto de Psicologia da USP.

A iniciativa de um projeto de cuidado à população do Conjunto Residencial da USP (CRUSP) surge a partir de pedido da Superintendência de Assistência Social da Universidade de São Paulo (SAS-USP) devido a tentativas de suicídio, diagnósticos de depressão e abuso de substâncias entre os moradores. Nesse contexto, os alunos e o supervisor se propuseram a percorrer o espaço com objetivo de identificar as demandas da comunidade e assim pensar possibilidades de cuidado e intervenção. A cartografia clínica foi escolhida como método de pesquisa tanto por possibilitar múltiplas compreensões do espaço físico e das pessoas que nele habitam, como também possibilitar a elaboração de sentidos da própria experiência durante o encontro. Cabe ressaltar que a abordagem não se restringe somente aos moradores, mas busca ampliar-se a todas pessoas que ali habitam. A cartografia organizou-se em duplas de plantonistas que em diferentes horários e dias da semana se propunham a percorrer o espaço do CRUSP em busca de encontros com objetivo de acompanhar, através das narrativas, a experiência de habitar o CRUSP. Todos os encontros foram registrados (diário de campo). O CRUSP se-nos apresenta como um multiverso composto por múltiplas facetas. De maneira que questionamos se o método cartográfico é a melhor maneira de abordar suas multiplicidades. A cartografia talvez apresente um impasse ao projeto de cuidado: a descontinuidade. Abordar o aspecto descontínuo deste multiverso tem sua importância,

Comissão de Cultura e Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Anais do II Seminário de Cultura e Extensão. São Paulo, IP/USP, 2018.

mas talvez o foco nas situações que urgem por cuidado tenha que ocupar o primeiro plano de nossa proposta. Através dos registros e das elaborações acerca da experiência dos plantonistas no espaço das supervisões de campo e de projeto, reavaliamos o proveito e a pertinência da prática clínica cartográfica. Neste semestre pudemos repensar os sentidos desse método bem como outras possibilidades de acolhimento das demandas emergentes e urgentes. Uma dessas possibilidades se concretizou através do Projeto de Atendimento Domiciliar, onde os alunos atendem em duplas as pessoas que entram em contato conosco por e-mail ou por indicação. Essa modalidade de atendimento surgiu em 2016 como uma demanda por atendimento às mães do CRUSP.

Palavras-chave: Cartografia; Saúde Pública; Fenomenologia Existencial; Moradia Estudantil.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO BANDEIRA CIENTÍFICA

Adriana Marcondes Machado, docente do IPUSP

Bruna Lanzoni Muñoz, aluna graduação IPUSP;

Bruna Caroline Oliveira de Souza, aluna graduação IPUSP;

Camila Satie Simoce Araújo, aluna graduação IPUSP;

Carlos Henrique Barbosa Leite, aluno graduação IPUSP;

Débora Song Shimba, aluna graduação IPUSP;

Fernando Meirinho Domene, aluno graduação IPUSP;

Gabriel Rodrigues Mardegan, aluno graduação IPUSP;

Juliana Puglia Higa de Lima, aluna graduação IPUSP;

Maria Agostinho Prado Sumares, aluna graduação IPUSP.

O Projeto Bandeira Científica é um projeto acadêmico de extensão universitária que envolve alunos, funcionários e professores de diversos cursos da Universidade de São Paulo, sendo eles: Medicina, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicologia, Engenharias, Odontologia, Farmácia e Bioquímica, Nutrição, cursos da FEA (Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária), Veterinária e a Empresa Júnior 'Medicina Jr'. A cada ano, o projeto realiza uma parceria com um município brasileiro e desenvolve atividades de atenção direta à saúde individual e coletiva, além de atividades que visam a melhoria das condições organizacionais e estruturais relacionadas à saúde. O objetivo do projeto, assim, está centrado em dois aspectos: a relação com o município parceiro e a formação da equipe envolvida, sobretudo dos estudantes. Ambos estão intimamente relacionados, dado que as intervenções ocorrem embasadas nos aprendizados dos cursos e da Universidade em geral, e também porque aprende-se muito na prática com a comunidade atendida. Por meio da parceria

qualificada com o município, em articulação com o campo das políticas públicas e de ações ligadas à área da saúde coletiva, o projeto torna-se um espaço formativo para os estudantes, no qual incita-se a reflexão e a discussão sobre as concepções de saúde, seus atravessamentos e efeitos, além das diferentes formas de entender-se o cuidado e a atenção ao sujeito. A Psicologia, especificamente, intenciona investigar e apoiar formas de participação da sociedade civil e das instituições na formulação e na implementação de políticas públicas, especialmente de saúde, numa perspectiva psicossocial e intersetorial, bem como compreender efeitos dessas políticas já existentes no município sobre a vida das pessoas. Ainda, visa também contribuir para a integralidade do atendimento de saúde, buscando uma prática interdisciplinar, tanto por meio de atendimentos individuais e compartilhados com outras áreas, como na elaboração de atividades junto de diferentes cursos. Na última edição do projeto, em parceria com o município de Sacramento (MG), além das tradicionais entrevistas da equipe de Psicologia para reconhecimento da dinâmica da local e levantamento de demandas e potencialidades, pôde-se construir uma articulação frutífera com a equipe de saúde mental da cidade. Os estudantes conseguiram acessar a complexidade e os desafios de uma rede municipal, e também conhecer os possíveis papéis da Psicologia na rede. Através de discussões ao longo do ciclo, essa articulação permitiu que se desenvolvessem estratégias dos profissionais para solucionar alguns desafios do funcionamento da rede que se encontravam institucionalizados. Como fruto dessa parceria, pode-se citar o início de reuniões periódicas da rede (inclusive Inter setoriais) para debater fluxo, questões de pacientes comuns e elaboração conjunta de políticas públicas. Além disso, iniciou-se uma discussão sobre a construção de um protocolo para casos de saúde mental.

Palavras-chave: Formação, Interdisciplinaridade, Bandeira Científica, Extensão

PROJETO DE FUTEBOL FEMININO NO BUTANTÃ: DESAFIOS E PRÁTICAS

Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco, EACH-USP

Stéphanie C. Tabata, IP-USP

Tema: A gênese deste projeto se deu a partir de um desconforto eminente devido à existência da barreira questão de gênero como fator social na prática feminina do futebol, esporte que possui trajetória predominantemente masculina. Há falta de oportunidades para as meninas, e isso envolve a falta de espaço para a prática e para o aprendizado, algo que é reflexo da construção cultural e social de gênero. O projeto foi desenvolvido para ser um programa regular de aprendizagem e desenvolvimento do futebol feminino, de forma a democratizar o acesso à prática. Num momento posterior, abriu-se vagas para meninos de 9 e 10 anos no projeto como tentativa de enfrentar o esvaziamento das aulas da turma mais jovem, o que tem sido desafiador para os educadores pelo enfrentamento de questões de gênero enraizadas nos comportamentos apresentados durante as aulas.

Local de trabalho: O Projeto social Em Campo tem sua origem a partir de uma parceria entre o Programa de Desenvolvimento pelo Esporte, realizado pelo Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (PRODHE – CEPEUSP) e Colégio Santa Cruz, que disponibilizou o espaço onde ocorrem as práticas esportivas. O projeto se localiza na região do Butantã e abriu seu espaço para alunas de 9 a 16 anos para a prática do futebol.

Questão central: Na perspectiva de estudante do curso de Graduação em Psicologia, uma questão que surgiu é como realizar possíveis intervenções em situações de conflito, sobretudo os que envolvem indiretamente problemáticas de gênero em sua base, e como lidar com as nuances presentes no cuidado que atravessa o individual e o coletivo.

Objetivos: O objetivo central é a prática do olhar para o outro - o aluno - enquanto um ser que é social, que aprende, convive, sente e também atingi-los no sentido de realizarem práticas semelhantes entre colegas. Dessa forma, o projeto adota algumas metodologias pedagógicas que se alinham a esses objetivos. **Metodologia:** Inicialmente, utilizou-se da metodologia pedagógica do PRODHE, e o trabalho foi se enriquecendo ao adicionar

outras metodologias, como o “Treino Social” (desenvolvida pela GIZ – Agência de Cooperação Alemã em conjunto com várias organizações brasileiras como parte das ações de apoio à Copa do Mundo e Olimpíadas realizadas no Brasil) e “Liderança ONU Mulheres” (entidade das Nações Unidas criada em 2010 para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres). **Resultados parciais:** Nesses materiais, a equipe do projeto encontrou maneiras de estruturar as aulas em partes, propondo vivências do coletivo, como em rodas de conversas e jogos especiais, por exemplo, o que possibilitou atingir através do espaço e experiências do coletivo os alunos que possuem maior frequência de presença. Foi possível verificar a mudança de comportamento das alunas que permanecem no projeto desde sua gênese, possibilitando-as de apresentarem aos meninos ingressantes algumas formas de convívio com o outro e de cuidado do espaço coletivo.

Palavras-chave

Futebol feminino; gênero; desenvolvimento pedagógico; educação.

VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO: ROMPENDO O SILENCIAMENTO NO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

Adriana Marcondes Machado, professora do Instituto de Psicologia da USP.

Denise Harumi Sakô, Psicóloga pelo Instituto de Psicologia da USP.

Mariana de Paula de Oliveira Ribeiro, graduanda do Instituto de Psicologia da USP.

Victória De Angelis, graduanda do Instituto de Psicologia da USP.

Os dados de violência contra a mulher no Brasil são alarmantes. 70% das mulheres já sofreram algum tipo de violência, a cada 4 minutos uma mulher é vítima de agressão, apenas 10% dos casos de estupro são notificados. São dados que nos interrogam sobre a presença dessas questões na Universidade e tem relação com práticas de silenciamento operadas pelo medo e pelo constrangimento produzido na desigualdade de gênero. A preocupação com essas questões na Universidade tem gerado documentários, pesquisas, movimentos sociais e organização de coletivos feministas. Na Universidade de São Paulo, um grupo de professoras e pesquisadoras inaugurou, em 2015, a REDE NÃO CALA!: Rede de professoras e pesquisadoras pelo fim da violência sexual e de gênero na universidade, contando com mais de 200 membras de 23 unidades da USP. Antes desta data, estudantes de várias unidades da USP já haviam constituído Coletivos Feministas. No Instituto de Psicologia da USP, o Coletivo Feminista Aurora Furtado foi criado em 2014. Esses grupos se tornaram portas de entrada de denúncias e relatos de alunas que viveram e vivem situações de violência e que buscavam alguma forma de partilhar e de ajuda. O presente trabalho pretende apresentar e analisar o procedimento de uma atividade relacionada à violência sexual realizada pelo coletivo feminista do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo com os alunos e as alunas ingressantes. Caracterizamos essa atividade como atividade de extensão, pois a questão da violência sexual e de gênero, tomada como engendrada em um funcionamento social do qual a Universidade faz parte, interroga essa Universidade a criar formas de agir. Como explicitado no texto de apresentação da rede NÃO CALA, agir na produção da violência sexual e de gênero implica a promoção de ações de educação e sensibilização que contribuem para o

reconhecimento e enfrentamento da violência sexual e de gênero; a criação de espaços de escuta, acolhimento e encaminhamentos para pessoas que sofrem e denunciam violência sexual e de gênero; e contribuição para o aperfeiçoamento dos regulamentos e mecanismos institucionais que levem à responsabilização dos agressores e à eliminação da violência; e a criação de redes de solidariedade e a organização das mulheres. O reconhecimento da violência tornou-se um passo fundamental para que outras ações fossem possíveis. Imbuídos por esse desafio, o coletivo feminista do Instituto de Psicologia desenvolve, há 4 anos, uma atividade na semana de recepção que tem gerado marcas importantes nas alunas e nos alunos que ingressam, na direção de romper o silenciamento e fortalecer o debate em um Instituto em que alunas viveram e vivem situações de violência sexual em seu cotidiano. Utilizaremos os registros feitos por membras do coletivo feminista que organizaram essas atividades, como material para refletir, a partir do movimento nesses cinco anos, os temas e as situações que atravessam a vida institucional.

Palavras-chaves: violência sexual; coletivo feminista; atividade de formação